



Estudos históricos sobre o movimento rebelde gaúcho de 1923

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

106



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uol.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Estudos históricos sobre o movimento rebelde gaúcho de 1923



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE

- 106 -



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Estudos históricos sobre o movimento rebelde gaúcho de 1923



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025**



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Estudos históricos sobre o movimento rebelde gaúcho de 1923
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 106
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2025

ISBN – 978-65-5306-020-3

CAPA: NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º jan. 1924.

Sobre o autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

SUMÁRIO

**Registros fotográficos da Revolução de 1923 no
Álbum dos bandoleiros / 11**

**A pacificação do Rio Grande do Sul em 1923 nas
páginas da revista carioca *Nação Brasileira* / 95**

Registros fotográficos da Revolução de 1923 no *Álbum dos bandoleiros*

A formação histórica do Rio Grande do Sul foi marcada por uma série de conflitos político-partidários e ideológicos que redundaram em guerras civis. Nesse sentido, a porção meridional do país acabou por constituir um fator de instabilidade do Estado Nacional Brasileiro, como foi o caso da Revolução Farroupilha (1835-1845), mais grave confronto bélico enfrentado pelo Império; da Revolução Federalista (1893-1895), que agitou os primeiros tempos da República Brasileira; e da Revolução de 1923, que compôs o atribulado período conhecido como crise dos anos 1920, que constituiu um processo histórico fundamental para a derrocada da República Oligárquica. Para cada um desses enfrentamentos houve uma reconstrução intelectual de natureza histórica, literária e jornalística, normalmente marcada pela bipolarização, com a criação de identidades para os aliados e os adversários. Paralelamente, ocorreram também algumas representações imagéticas dos personagens atuantes em cada uma das guerras, prevalecendo – embora não sendo as únicas – a gravura para a época da Farroupilha, as representações litográficas para a da Federalista e a fotografia para a da Revolta de 1923.

Nesse sentido, o movimento rebelde de 1923 foi acompanhado por abundante produção fotográfica,

visando a divulgar os avanços das frentes que se digladiavam. Os rebeldes se utilizaram em alta escala de tal recurso visual, promovendo registros de suas ações estabelecidas entre janeiro e dezembro de 1923. A partir disso, os editores da Revista *Kodak*, publicação ilustrada editada em Porto Alegre e que intentou uma retomada de sua circulação no ano de 1923, projetou a publicação de uma coleção de fotos acerca do movimento rebelde, resultando na publicação do *Álbum dos bandoleiros*.

Como resultado de um plano editorial de fundo jornalístico, o *Álbum dos bandoleiros* constituía um volume com páginas impressas, cujo escopo era a reunião de fotografias, a partir da edição de um livro impresso com descrição ilustrada de lugares e personagens¹. O termo “bandoleiro”, cujo sentido original tem uma carga pejorativa, como sinônimo de assaltante, salteador, bandido ou ladrão, tratava-se de uma referência à forma negativa pela qual a imprensa governista, notadamente o periódico castilhistaborgista *A Federação*, se referia aos rebeldes, buscando desqualificá-los. Assim, como fizeram os federalistas quanto ao termo maragato – denominação que lhes imputavam os adeptos do castilhismo, para caracterizá-los negativamente, pela presença de mercenários estrangeiros em suas hostes –, que acabaram por assimilar e incorporar tal alcunha para designarem-se a si mesmos, os revoltosos de 1923 visavam a fazer o mesmo em relação à palavra “bandoleiro”.

¹ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 18.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



A edição do *Álbum dos bandoleiros* tinha por objetivo difundir a causa rebelde em meio à população rio-grandense, utilizando-se para tanto de um recurso de apelo visual, com a imagem fotográfica. Nessa linha, o conjunto de fotografias passava a trazer em si um papel de intervenção e fixação junto à memória social, com o escopo de demonstrar a justeza do movimento rebelde, que estaria a combater o domínio de um modelo ditatorial que já durava mais de três décadas, sendo apresentado como uma luta libertária contra a tirania castilhista-borgista. Assim, a intenção era a de promover a publicação, com a correspondente distribuição e difusão de um álbum, que atingisse um significativo público, de modo a influenciar a memória coletiva²

² A respeito das inter-relações entre fotografia e memória, ver: AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993. p. 82-84.; BORGES, Maria Eliza. *História & fotografia*. Belo Horizonte:

quanto às formas de agir e pensar dos revolucionários, aproximando tais figuras de um processo de heroicização.

Nesse quadro, o conjunto de fotografias servia para legitimar as ações dos rebeldes, como propugnadores da liberdade, e deslegitimar as dos sectários do borgismo, em denúncia ao seu projeto de perpetuação no poder. Foram vários os personagens registrados pelo *Álbum dos bandoleiros*, notadamente as lideranças rebeldes, os protagonistas e coadjuvantes das ações militares e os civis igualmente identificados com os “bandoleiros”, que teriam contribuído para a propagação da flama revolucionária³. Em tal cenário, foram destacadas também várias das localidades gaúchas nas quais se fez presente a ação bélica dos revoltosos, os profissionais que trataram da saúde dos rebeldes enfermos, os feridos, os mortos, os atores políticos e os jornalistas envolvidos com a causa

Autêntica, 2003. p. 29.; FABRIS, Annateresa. As invenções da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 24-25.; KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 152 e 155.; KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002. p. 44.; KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 132 e 136-137.; KRAUSS, Rosalind. *O fotográfico*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002. p. 43.; e LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1993. p. 45.

³ Tais personagens do *Álbum dos bandoleiros* foram abordados no número 104 desta *Coleção*.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

revolucionária, os quais constituem o objeto de estudo deste trabalho.

Guerra, guerrilha e urbes

A Revolução de 1923 caracterizou-se por uma série de enfrentamentos dos rebeldes com as forças governistas. Além de buscar conquistar posições a partir do confronto bélico, os revolucionários pretendiam incentivar o quadro de agitações no Estado, de modo a conquistar uma das mais antigas reivindicações das oposições sul-rio-grandenses, representada pela intervenção federal no Rio Grande do Sul, a qual viesse a interromper a continuidade do borgismo no poder. Tratava-se assim de um movimento que visava a romper com o modelo político-ideológico que dominava autoritariamente a sociedade gaúcha, estabelecendo-se uma sublevação contra as instituições governamentais, no intento da mudança por meios violentos das instituições fundamentais⁴ que marcavam o *status quo* sul-rio-grandense.

A crise dos anos 1920 foi marcada, em termos internacionais, como o período do entreguerras, ou seja, o entreato que separou a I e a II Guerra Mundial, constituindo um dos momentos mais críticos da formação histórica mundial. Dessa maneira, nas primeiras décadas do século XX, a humanidade sobreviveu, contudo, o grande edifício da civilização

⁴ TEMPRANO, Antonio Gonzáles. Rebelião. In: SILVA, Benedicto (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 1031.

desmoronou nas chamas da guerra, uma vez que tal época foi marcada pelos enfrentamentos bélicos. A sociedade de então viveu e pensou em termos de guerra, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam, tratando-se de uma era de colapso e catástrofe⁵. Tal conjuntura se refletiu no âmbito brasileiro, com as várias campanhas estabelecidas a partir do movimento tenentista e a própria Revolução de 1923, com um somatório de conflitos que iria redundar na Revolução de 1930.

O movimento rebelde gaúcho de 1923 foi significativamente estabelecido a partir de uma guerra de guerrilhas, bem de acordo com seu escopo de ameaçar as forças legalistas e, mais ainda, promover a convulsão como instrumento para obter o intervencionismo federal. Em linhas gerais, a guerrilha se caracteriza pela ação bélica de grupos irregulares, com certa autonomia hierárquica funcional, sendo os mesmos especializados em emboscadas, assaltos de surpresa e rápidos combates. Trata-se de uma espécie de elite combatente que tende a atuar com independência e autonomia, vindo a apoiar as soluções liberais, democráticas ou, de modo geral, progressistas, chegando a manter um contato mais direto com a população⁶. Tais ações bélicas foram representadas nos *Álbum dos bandoleiros*, com o destaque dado à presença dos rebeldes em diversas urbes rio-grandenses-do-sul.

⁵ HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 30.

⁶ RAMA, Carlos M. Guerrilha. In: SILVA, Benedicto (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 534.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

Uma dessas localidades foi a cidade de Pelotas, uma conquista revolucionária efêmera no cronológico, mas extremamente simbólica no sentido do alcance do movimento. Nessa linha, ao cair nas mãos revolucionárias, ainda que por pouquíssimo tempo, a ocupação de Pelotas significava uma relevante derrota governista, contribuindo decisivamente para uma atitude mais efetiva do governo federal em torno da intervenção no Rio Grande do Sul. A relevância de tal movimento bélico ficava bem demarcada no *Álbum dos bandoleiros*, que dedicou várias páginas e outros registros fotográficos avulsos especificamente acerca da tomada de Pelotas. O protagonismo de tais registros coube ao general Zeca Netto e seus comandados que desfilavam pela cidade, posando à frente de vários prédios públicos e pelas ruas da urbe. O líder político do movimento, Assis Brasil, em sua visita à comunidade pelotense, também esteve em destaque. Os profissionais responsáveis pelos cuidados com os feridos, mormente as enfermeiras, tiveram igualmente uma atenção especial. Um dos grandes cuidados do *Álbum* foi buscar demonstrar a integração entre as “forças libertadoras” e a população em geral da localidade tomada, visando a demonstrar uma identidade dos rebeldes com o povo e a aceitação deste em relação aos ideais revolucionários.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

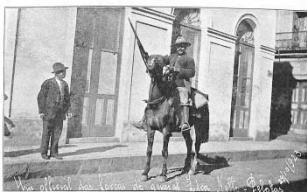
TOMADA DE PELOTAS



As forças libertadoras, do General Zeno Neto, entram à Intendência de Pelotas, após a tomada da cidade, em 29-10-32.



Pelotas — Por e "bandeirista" comemorando pelo acontecimento da tomada desta cidade.



Um oficial das forças do Gal. Zeno Neto, em Pelotas — 29-10-32.



O valente capitão "bandeirista" Mario Crespo, "pousando" com seus pláto, para a nova ofensiva.

TOMADA DE PELOTAS



Grupo de feridos no Hospital da Cruz Vermelha em Pelotas por ocasião da tomada da cidade.



Cap. Bodo Caldas — o primeiro ferido da libertação na tomada de Pelotas.



Hospital da Cruz Vermelha, em Pelotas; junto a gentis enfermeiras a Cap. Bodo Caldas.



Chegada a Pelotas do "Condor das Tapas" em regresso da conferência de Buga.



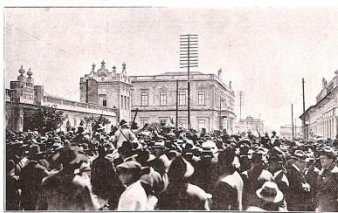
Acompanhamento das forças libertadoras em Pelotas.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

TOMADA DE PELOTAS



A guarda municipal, conduzida prisioneira, em quadrado, por forças do Gral. Zea Netto em Pelotas.



Forças do Gral. Zea Netto, em Pelotas, cercadas pelo povo que se victoriava, jogando-lhes flores.



As forças do Gral. Zea Netto, em Pelotas, estacionando enfrente à redacção do "Rebate" valente jornal "bandeirista" dirigido por Frederico Tróvão.



Entrada do Gral. Zea Netto em Pelotas, em 29 de Outubro de 1923. (Vê-se na frente, commandando o esquadrão, o capitão Zeno Zetlinski).

TOMADA DE PELOTAS



Cap. Zeno Zetlinski e seu coadjuvante



Gral. Zea Netto, do cavallo pela rubia, apontando para a mesma objectiva.



As forças recuando ao crugem de multidão



Dois herões da tomada da cidade, retrato arrancado da (arremetida Municipal).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

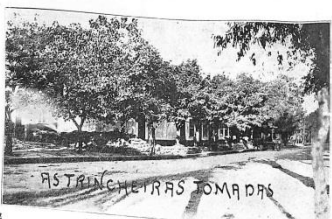
TOMADA DE PELOTAS



Oficiais do Estado Maior — Biliasso Leite Buarque, Fernando Palmito, Carlos Jansen, Romero Bueno



Ela em todo o seu esplendor...



Aspecto das trincheiras depois de tomadas.



O heros de 13 annos Herminio Albuquerque.

* Tomada de Pelotas *



Dr. Marcos Fernandes, fazendo o reconhecimento dos heros que combateram na tomada de Pelotas.



Um grupo de libertadores.

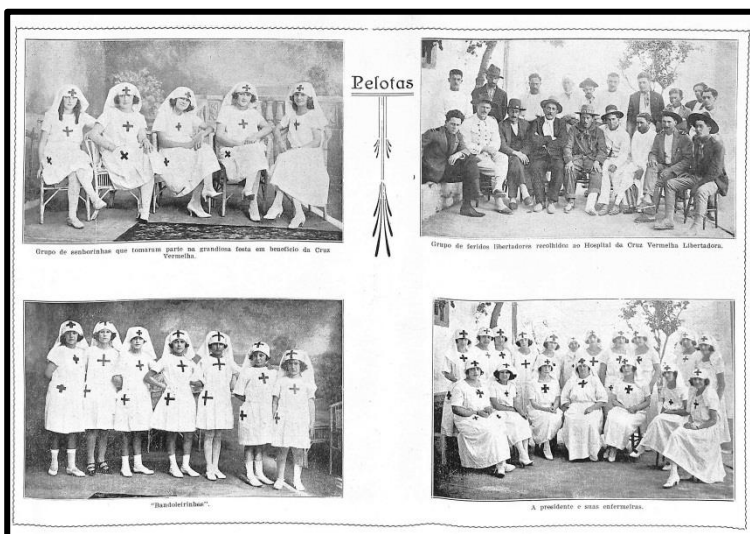


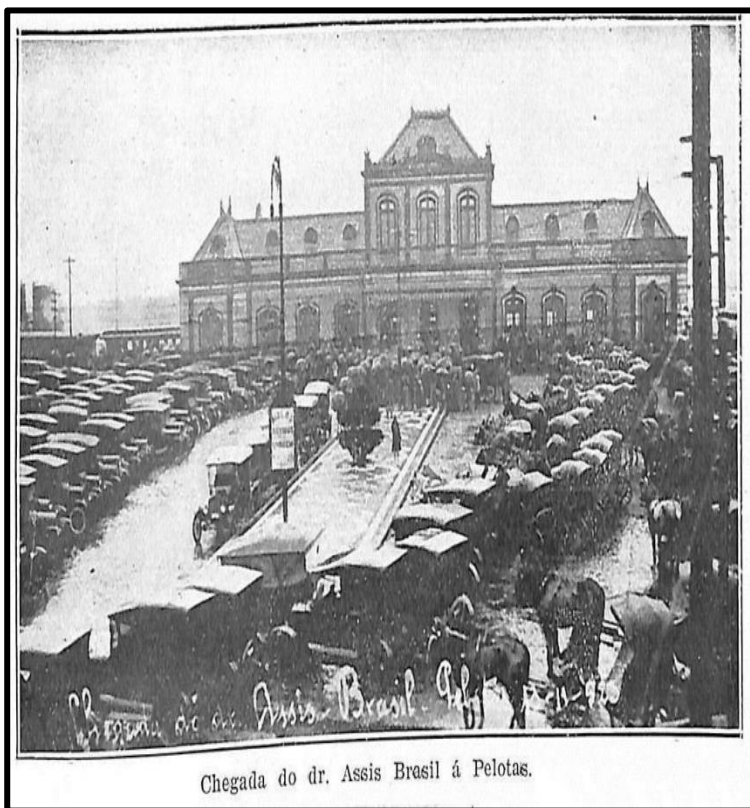
Mario Pimenta e Nery Curcio, dois ardeuses "bandeireros".



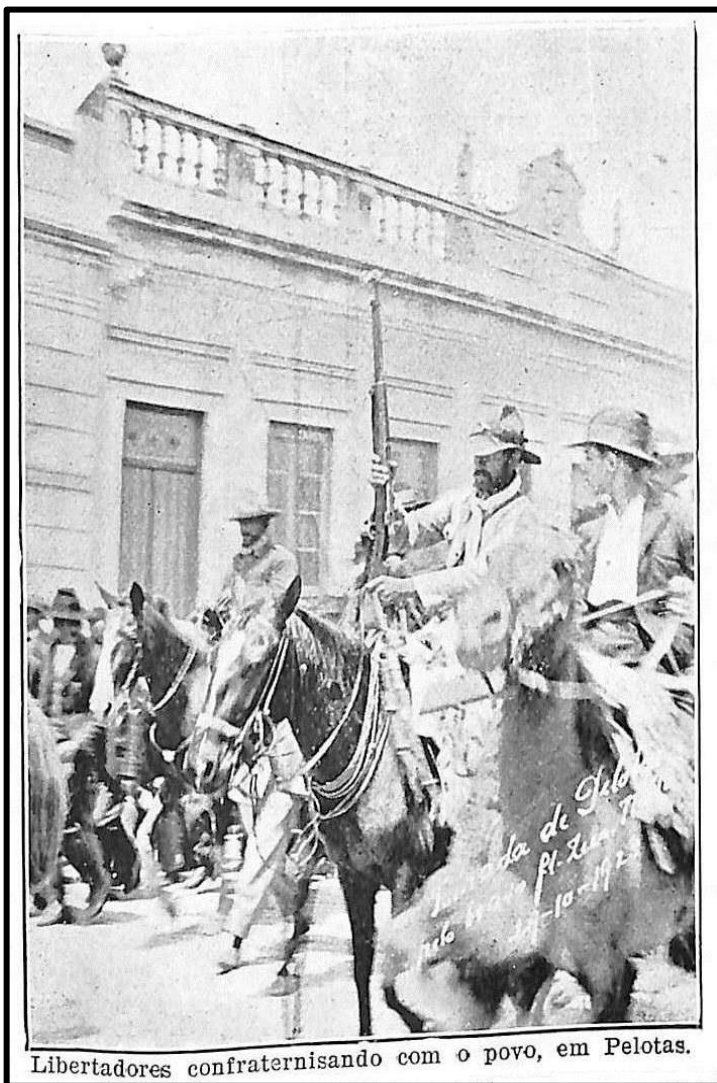
GAL ZOLA NORTON e seu Estado Maior, passando para o Album dos "bandeireros".

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



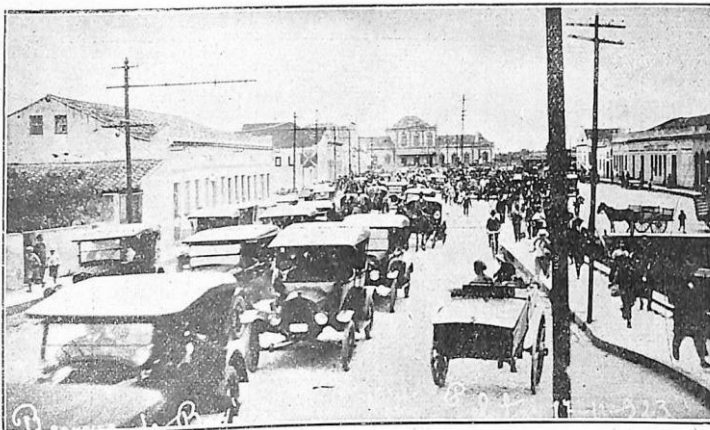


ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



Libertadores confraternizando com o povo, em Pelotas.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Aspecto da chegada do Gal. Zeca Netto, em Pelotas, aos 17 de Novembro de 1923, quando regressava da conferência de Bagé.



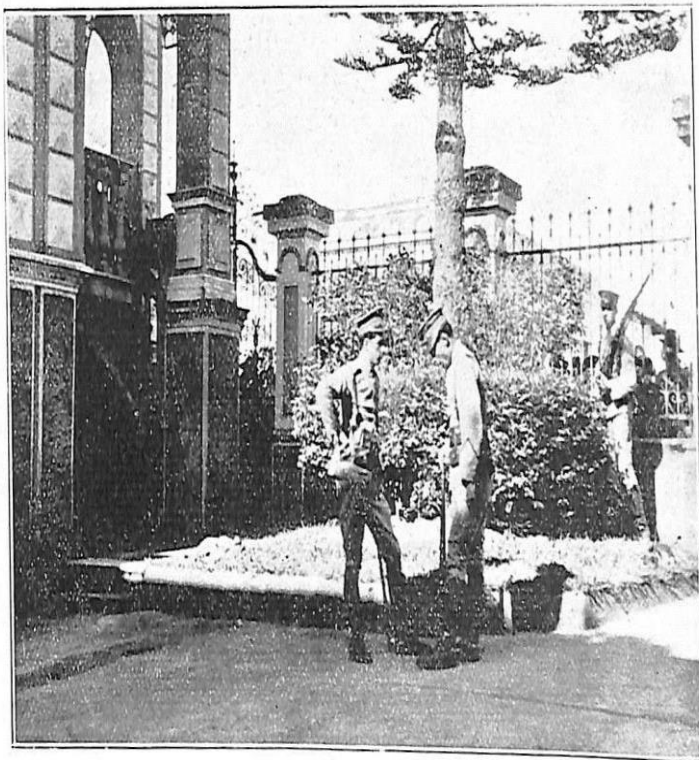
Regresso de Bagé, do Gal. Zeca Netto — Pelotas, 17-11-1923.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

Outra cidade em destaque no *Álbum dos bandoleiros*, localizada ao sul do Rio Grande do Sul, na região fronteiriça, foi a de Bagé, verdadeiro símbolo do oposicionismo gaúcho, por constituir um dos berços dos federalistas, força de oposição ao castilhismo mais perene na formação político-partidária sul-riograndense. No caso dessa localidade, o destaque foi para a presença do chefe revolucionário Joaquim Francisco de Assis Brasil, mais uma vez bem recepcionado em meio à população, a residência em que tal líder se hospedava na cidade e o registro de alguns “heróis bandoleiros” posando para a objetiva do fotógrafo.

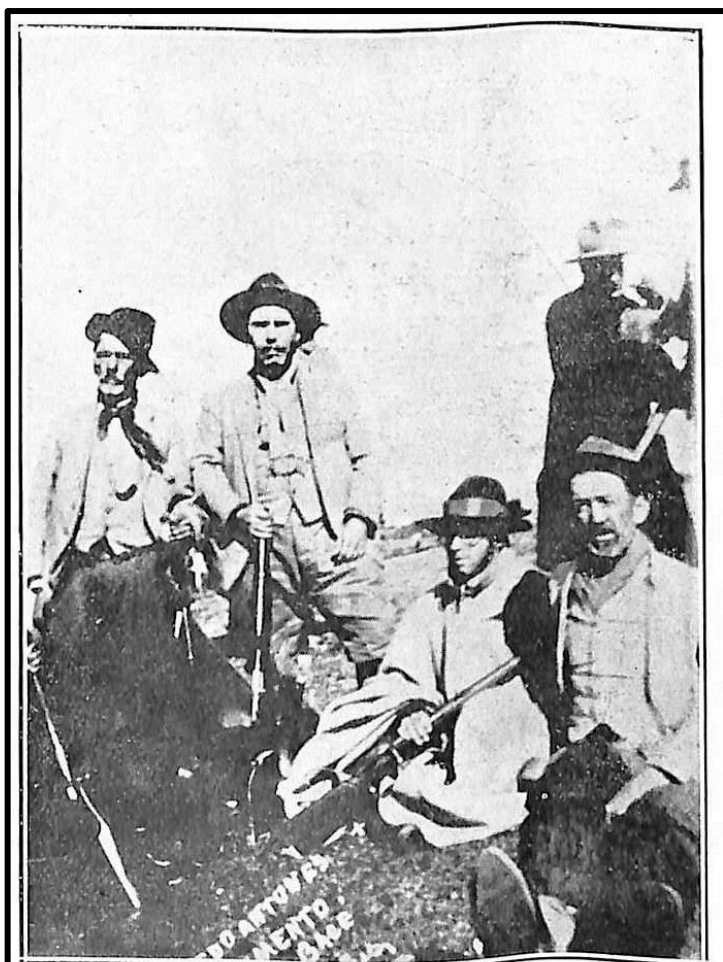


Instantâneo na chegada do Dr. Assis Brasil a Bagé

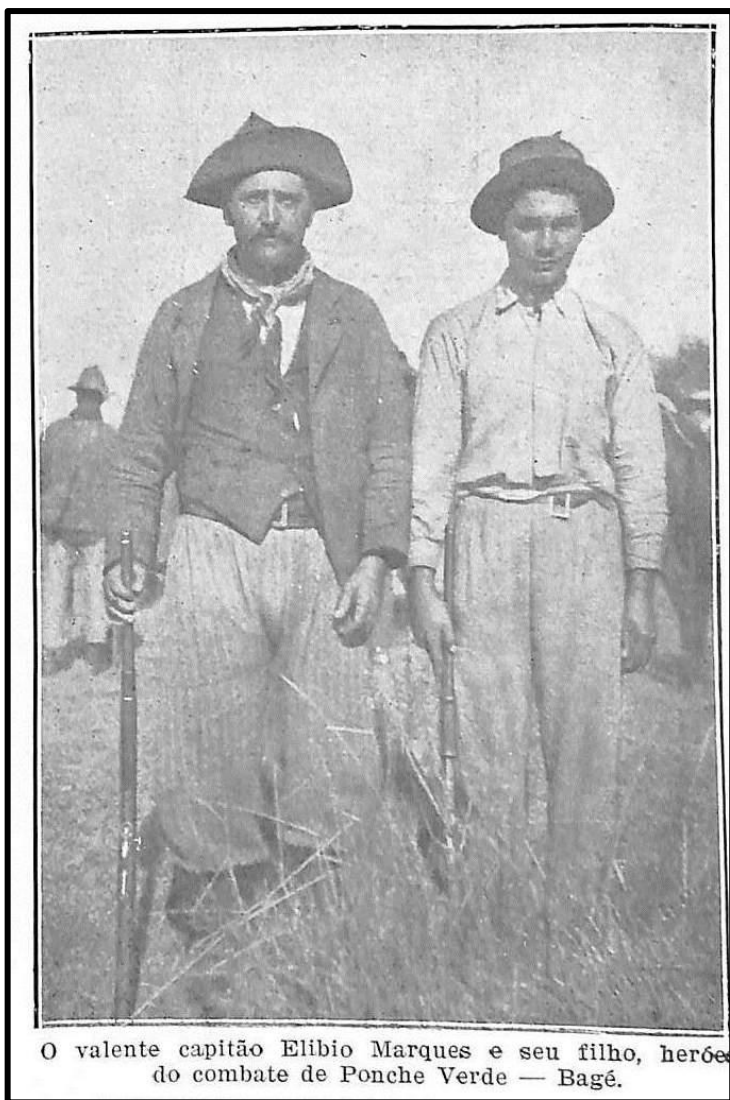


A casa onde se hospedava o Dr. Assis Brasil em Bagé de propriedade da família Pedro Osorio

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



Grupo de heróis pousando para a nossa objectiva, em
Bagé.

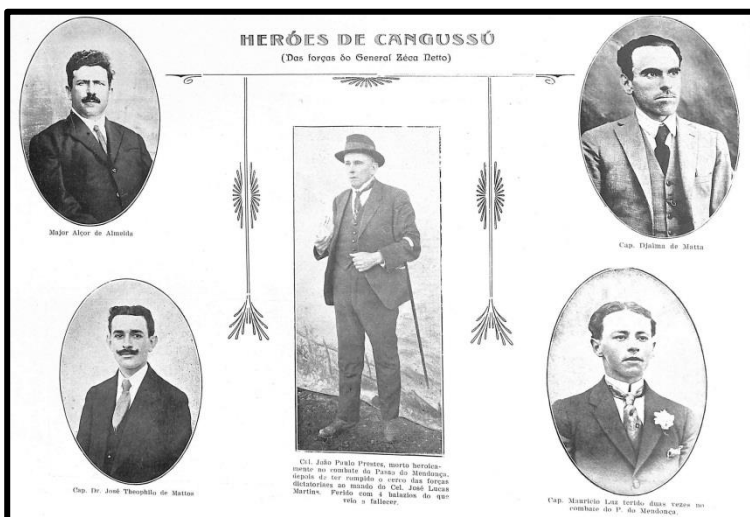
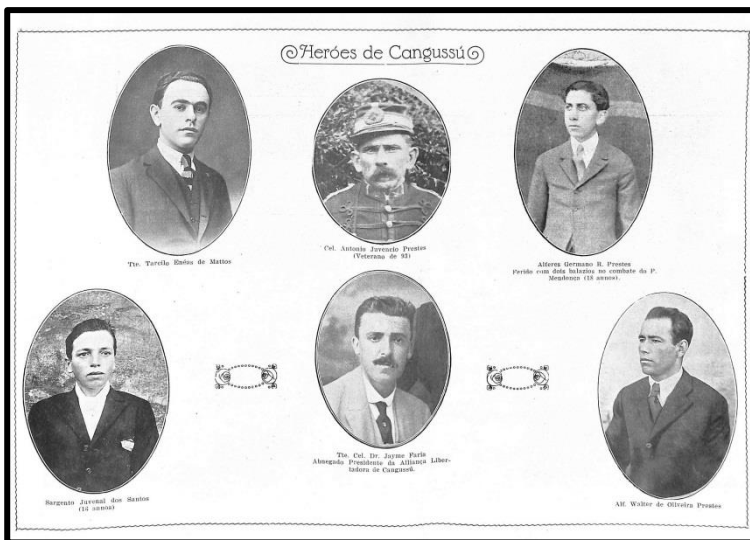


O valente capitão Elibio Marques e seu filho, heróis
do combate de Ponche Verde — Bagé.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

Em relação à localidade de Canguçu, a opção dos editores do *Álbum* foi dar destaque aos retratos de vários militares, quase todos em trajes civis, intentando mais uma vez demonstrar a integração dos rebeldes com o conjunto da comunidade. Era também um reforço à perspectiva da heroificação, tanto que as duas páginas receberam o título de “Heróis de Canguçu”. Quanto a São Gabriel, um dos registros era acerca da recepção dada pelo chefe dissidente republicano Fernando Abbott ao general Honório Lemes e quatro fazendeiros da localidade “arvorados em ‘bandoleiros’”. Para Camaquã, o conjunto de fotografias voltava-se a um piquete de vanguarda do general Zeca Netto, além do mesmo com seu Estado Maior, “posando para a Kodak”, bem como profissionais da área da saúde e oficiais libertadores. Já em Cachoeira, a ênfase foi para a ação de um Comitê Pró-Assis, formado na cidade em apoio ao chefe político do movimento.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



Banquete oferecido ao General Honório Lemes pelo Dr. Fernando Abbott, um dos velhos paladinos da democracia, em sua residência em S. Gabriel.



Nenê Britto, Marcirio Macedo, Ambrosio Lce e um amigo — quatro fazendeiros em São Gabriel, arvorados em “bandoleiros”.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Um pelotão de vanguarda do Gal. Zeno Netto



O Dr. Triboll e sua filha, enfermeira da C. Vermelha e oficiais ilustrados



Gal. Zeno Netto e seu Estado-Maior posando para a "Kodak"

CAMAQUAM



Vis. Fernando Palmeira — A. Duarte — Cap. Alberto A. Oliveira — Cap. Zeno Zietzky
— Tito Edgar Aguiar — Cap. Carlos Jansen — Major Theodoro Kleemann —
Cap. Otávio Soares — Vis. Humberto L. Rengel

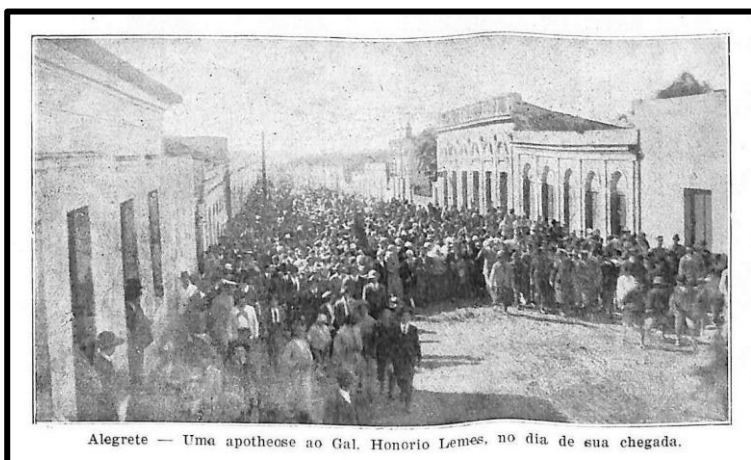


Cachoeira — No medalhão Dr. Minuano de Moura. Dr. Assis Brasil em companhia da directoria do Comitê Pró-Assis, Cel. João Augusto Leitão, Cel. David Scarre de Barcellos, Dr. João Mussen, Dr. João Faria Corrêa e Antonio José Ribeiro da Silva.

A região gaúcha da fronteira também foi representada no *Álbum*, caso de Alegrete, buscando demonstrar “uma apoteose” em meio à população, que

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

estaria entusiasmada com a chegada do chefe revolucionário Honório Lemes, bem como com as pessoas ouvindo a ordem do dia expressa pelo mesmo general. Ainda quanto à mesma localidade, o comandante Lemes era igualmente recepcionado pelo público feminino, posando “cercado de lindas ‘bandoleiras’”, havendo também o registro de um local de combate, em ponte situada na região. Quanto a Dom Pedrito, foram apresentados militares e civis perfilados para o fotógrafo, a integração popular com as “forças ‘bandoleiras’” e a saída do general Honório Lemes de uma missa em homenagem a suas vitórias, aparecendo ele mais uma vez acompanhado de “bandoleiras”, além de tal chefe na companhia de vários membros de seu comando.



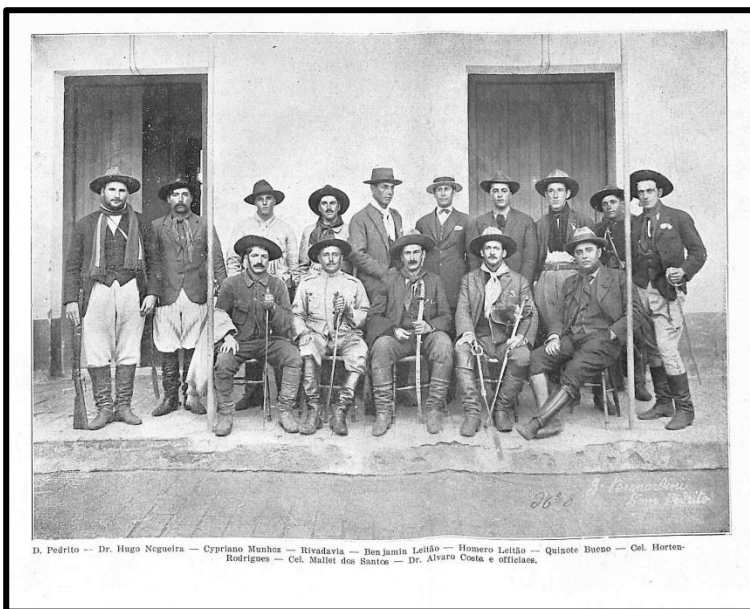


Alegrete — Em meio do maior silêncio, se procede, na praça principal, a leitura da ordem do dia do Gal. Honório Lemes, logo após a tomada da cidade.



Alegrete — General Honório Lemes cercado de lindas "bandoleiras".

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923





Entrada das forças "bandoleiras" de Demétrio Xavier, em D. Pedrito.



ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



D. Pedrito — O “Leão do Caverá” em companhia do seu valoroso auxiliar dr. Baptista Luzardo e officiaes do seu Estado Maior.

A zona serrana e as localidades com forte presença de colonização italiana foi outra região inserida no *Álbum*. Em uma das páginas eram apresentados os “Heróis da Serra”, em fotografia na qual posavam o general Felipe Portinho e vários de seus comandados. Quanto à Caxias do Sul, os registros voltaram-se à ação de profissionais da saúde, atendendo rebeldes feridos e a representação fotográfica de “como os ‘bandoleiros’ sepultam os seus”, com “aspectos de um enterramento” de um “libertador”, acompanhado por forte presença popular, o que demonstraria o prestígio do morto. No que se refere a Bento Gonçalves, era mostrada a tropa rebelde que tomara a localidade. Também foi registrada a região das Missões e especificamente a localidade de

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Erechim, com a presença da “Divisão Missioneira”, trazendo o retrato de vários de seus comandantes e um acampamento de seus soldados, e quanto a Erechim, eram destacados “bandoleiros”, “bichões” da revolução libertadora”, comandantes, um hospital e uma coluna revolucionária levantando acampamento.

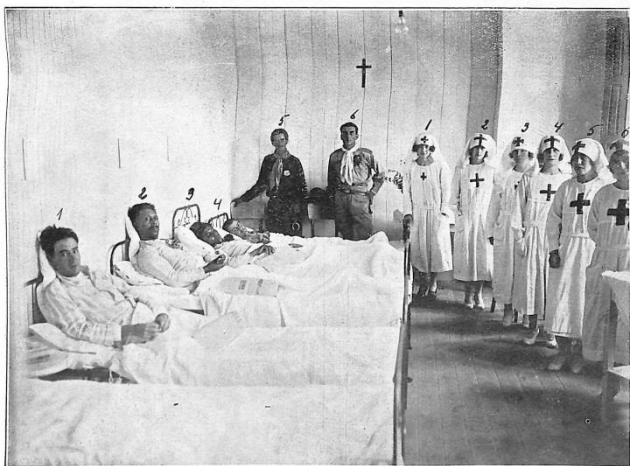


ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

CAXIAS

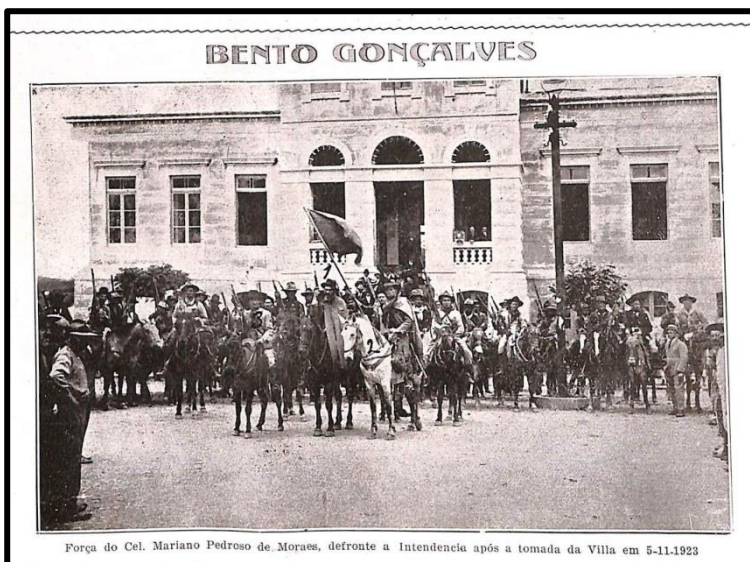
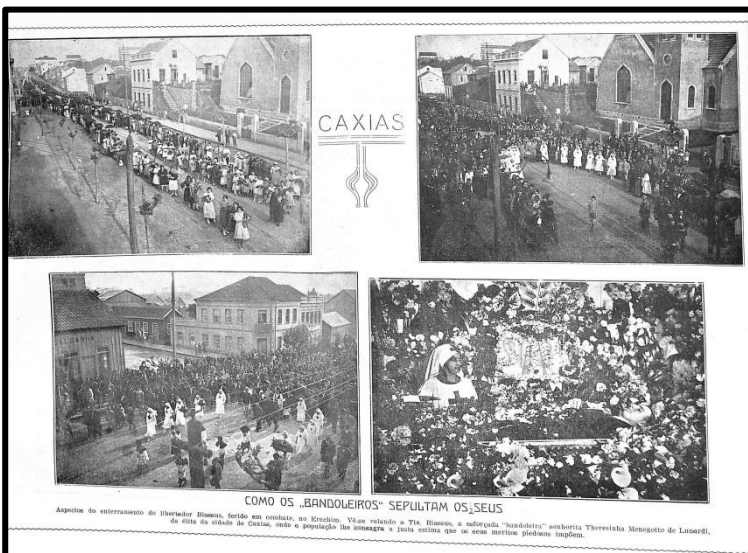


1-Dr. Rômulo Carlons, director médico da Cruz Vermelha. — 2-Snra. Lydia Kelesch, enfermeira — 3-Sta. Albina Menegotto, assistente médica — 4-Sta. Izabel Razzi, assistente médica — 5-Sargento Joaquim Ignacio Velho, ferido gravemente no ataque à Francisco de Paula, em 6 de Novembro de 1923.



1-1. Tte. Agnelto Leonidas Castello Branco — 2-Sargento Joaquim Ignacio Velho — 3-Soldado Antonio Porto Alegre — 4-Pedro Fernandes, drago do C. P. do dr. Palm — 5 e 6-Dois revolucionários em visita aos feridos Sargento Lobo e Cap. Ulysses Botelho. Enfermeiras da Cruz Vermelha Caxiense: 1-Srtas. Norma Pieruesini — 2-Nobolina Facioli — 3-Eliza Chitolmer — 4-Marília Facioli — 5-Conceição Labordette — 6-Marincha Labordette.

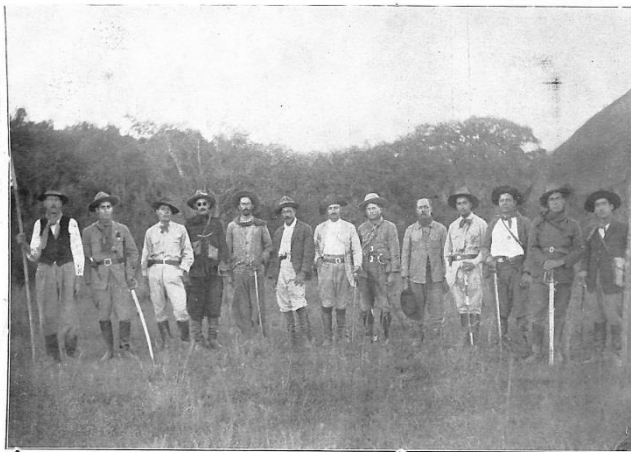
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

DIVISÃO MISSIONEIRA

(Das forças do General Honório Lemes)



O Cel. Mario Garcia e seu Estado-Maior



O valente Cel. Mario Garcia (sentado) e seus ajudantes de ordens.



Cel. Mallet dos Santos
Gravemente ferido no combate do Carajazinho em 17.10.23.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

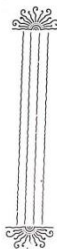
DIVISÃO MISSIONEIRA



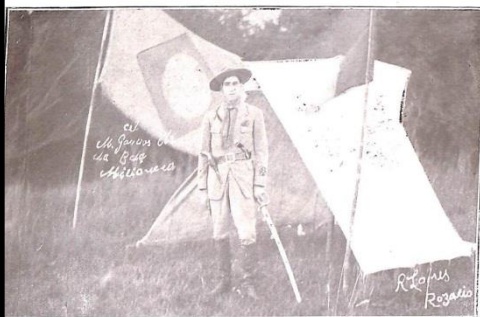
ACAMPADOS



Cap. Nelson Menezes
Ajudante de ordens
do Col. M. Garcia

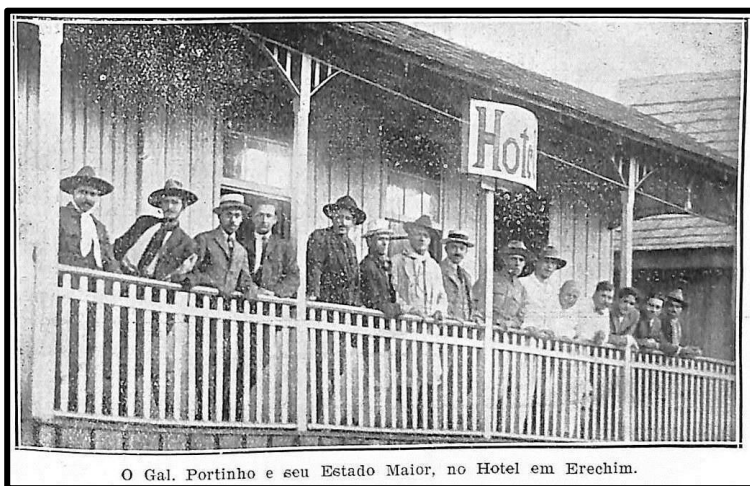
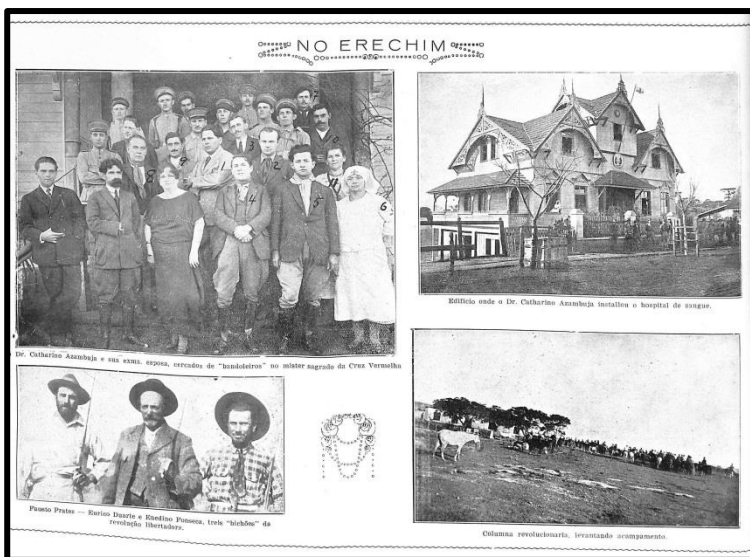


Tte. Col. Raphael Jordano



Col. Mario Garcia defronte da sua barraca.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



Cuidados hospitalares, feridos e mortos

No que tange a tais cuidados, revelava-se um contexto em que o saber e o ver, a palavra e a distância organizavam as relações instituídas entre médicos e enfermeiras para com o doente/ferido, assinalando uma operação na qual o sofrimento se consistia em um objeto a ser combatido. Nesse quadro, o tratamento e o conjunto dos atos terapêuticos constituíam estratégias em prol da cura do corpo, de maneira que os profissionais responsáveis pela saúde fizessem aparecer a natureza e a essência do mal que atingia o enfermo, visando a que o mesmo viesse a ser erradicado do corpo do paciente⁷. Nem sempre em hospitais organizados, consultórios, clínicas ou ambulatórios, havia a prioridade à assistência aos pacientes, a qual era amplamente dificultada pelas agruras do conflito bélico e pelas realidades dos rincões gaúchos⁸, com a necessidade de suplantar as misérias da vida e as calamidades de uma guerra fratricida⁹. No conflito entre castilhistas-borgistas e sua doutrina positivista e os oposicionistas/revolucionários, os profissionais que

⁷ REVEL, Jacques & PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (dirs.). *História: novos objetos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 147-148.

⁸ ALVES, Francisco das Neves. *Sociedade e saúde pública no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2005. p. 61.

⁹ ETZEL, Eduardo. *Um médico do século XX: vivendo transformações*. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1987. p. 94.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

atuavam na saúde pública também desempenharam um papel considerável¹⁰.

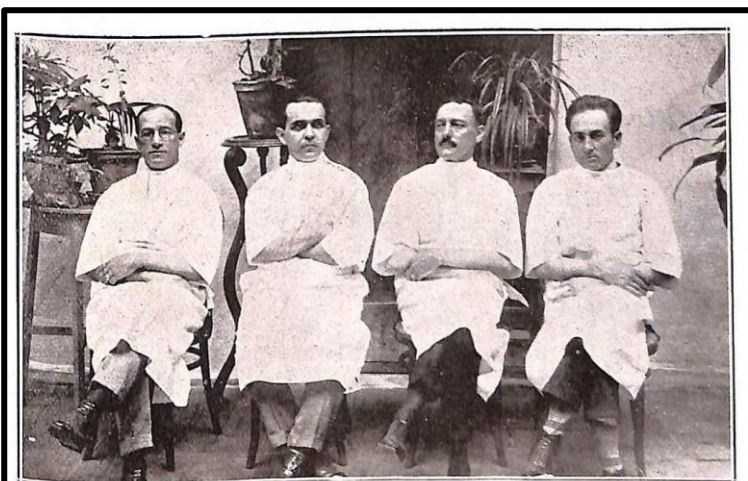
No conteúdo do *Álbum dos bandoleiros* os profissionais da saúde tiveram um papel destacado. Dentre eles, houve uma presença marcante das enfermeiras que, além de sua função social, demarcavam a ação feminina em prol da causa revolucionária, além de diversos médicos, farmacêuticos e apoiadores à causa. No caso da revolta sul-rio-grandense chegou a ser formada uma “Cruz Vermelha Libertadora”, ou seja, um grupo de atendimento aos feridos partidários da revolta, com os registros coletivos ou individuais de tais profissionais, muitos deles identificados por seus nomes. A perspectiva fundamental de tal presença era demonstrar a adesão ao movimento mesmo daqueles que não desempenhavam atividades diretamente ligadas ao ato de pegar em armas, e sim na condição daqueles cuja ação servia de lenitivo para a agonia dos enfermos.

¹⁰ SANTOS, Nádía Maria Weber. Práticas de saúde, práticas de vida: medicina, instituições, curas e exclusão social. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. & AXT, Gunter (dirs.). *História geral do Rio Grande do Sul – República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3, t. 2 p. 103.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Directoria da Cruz Vermelha. Senhoras Alves Rolim, dr. Torelly, Baptista Pereira, dr. Annes Dias, dr. Thomaz Mariante.



Pharmaceutico Candido Batalha — dr. Thomaz Mariante — dr. Alfredo Simch — dr. Rivadavia Severo.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



Gentis senhorinhas e cavalheiros da elite da Cruz Vermelha de S. Gabriel



Sta. Thalia Prunes, filha do Snr.
Theotonio Prunes, da Cruz Vermelha
de Porto Alegre

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Senhorinhas da elite que também prestaram o seu concurso no grande festival.

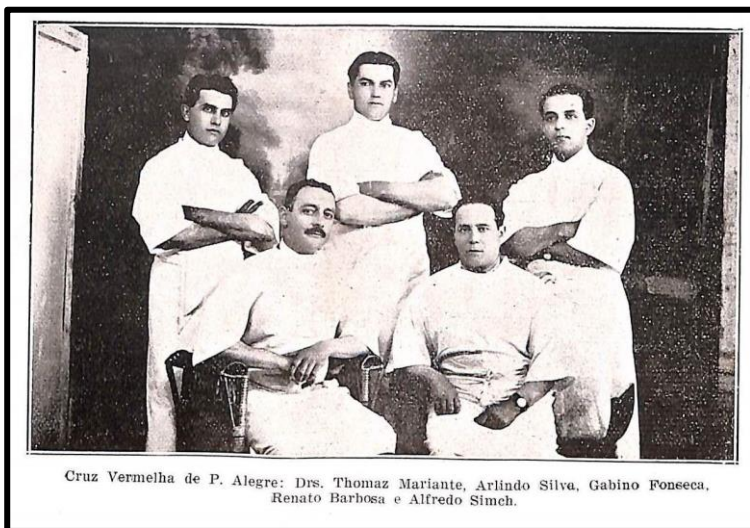


Senhorita Doralina Rufino, da Cruz Vermelha de P. Alegre.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



Tres gentis enfermeiras da Cruz Vermelha de Pelotas.

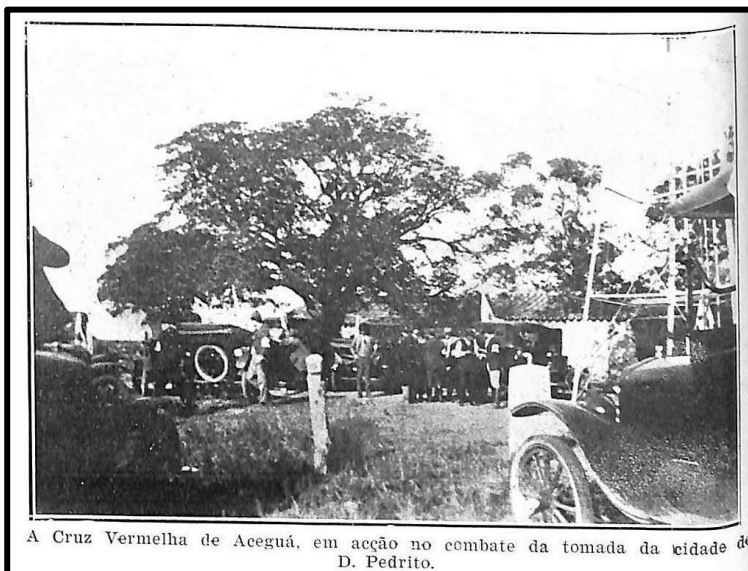
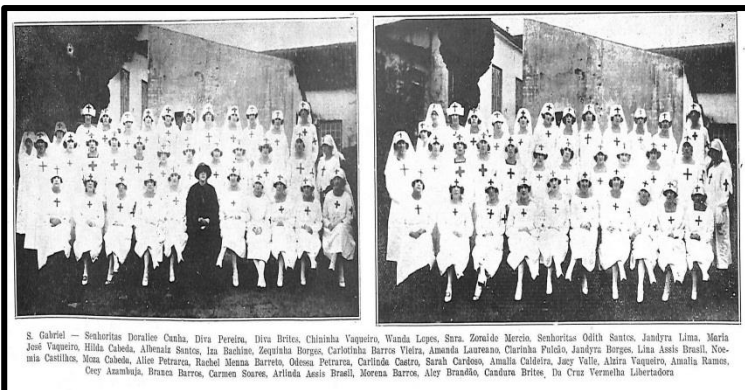


Cruz Vermelha de P. Alegre: Drs. Thomaz Mariante, Arlindo Silva, Gabino Foneeca,
Renato Barbosa e Alfredo Simch.



Senhorinha Alda Peres,
da Cruz Vermelha de
Bagé.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923





Gentis enfermeiras da Cruz Vermelha de Camaquam.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



PORTO ALEGRE



Uma visita a Cruz Vermelha desta capital pelo Comitê de Pelotas, da esquerda para a direita de pé: Dr. Plotino Duarte, Dr. Francisco Simões, Dr. José Pereira Lima, Dr. Urbano Garcia, Dr. Jayme de Freitas Faria, Leopoldo Souza Soares, Cel. Frederico Costa, Dr. Thomas Marliante, Dr. Renato Barboza. Sentadas: senhoras Dr. Thomas Marliante, Dr. Torelly, Baptista Pereira, Dr. Annee Dias e Alves Rolim.



Lucia e Helena, duas galantes "bandoleirinhas" filhas do sr. Luiz Alves Rolim.



Sr. Augusto Lagdner, do alto commercio que gentilmente offereceu a casa de sua residencia para nella ser installado o Hospital da Cruz Vermelha.

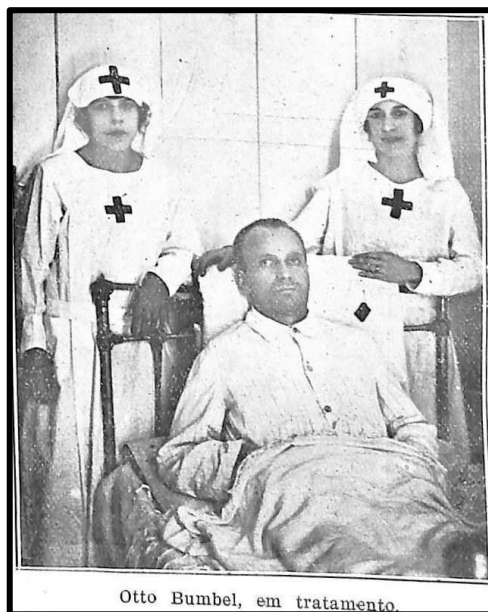
ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

Os feridos de guerra foram outro destaque do *Álbum*, por vezes junto dos profissionais de saúde, em outras, isoladamente. A ideia fundamental era demonstrar a agonia dos enfermos e o sacrifício que estariam fazendo pela causa rebelde. Segundo tal concepção os portadores de ferimentos não pouparam esforços para defender aqueles que seriam os seus ideais, sacrificando pele, carne e ossos e arriscando a própria vida ao manter a empreitada da luta contra aquilo que era considerado como uma tirania. Alvos de agressões físicas, armas brancas, balaços e explosões, tais vítimas representadas fotograficamente eram oriundas de diferentes partes do Estado, o que estaria a demonstrar a ampla adesão ao movimento.



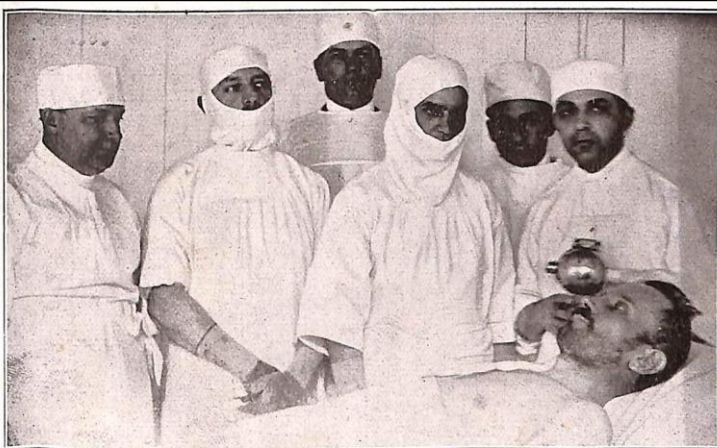


ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923





Otto Bumbel, ferido em combate no Erechim.

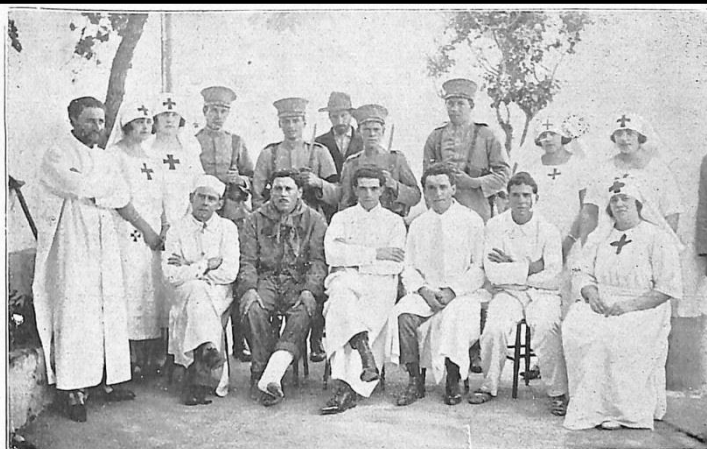


Bumbel depois de operado pelo dr. Moysés, auxiliado pelos Drs. Simch, Silva, Gabino, Severo e Marliante.

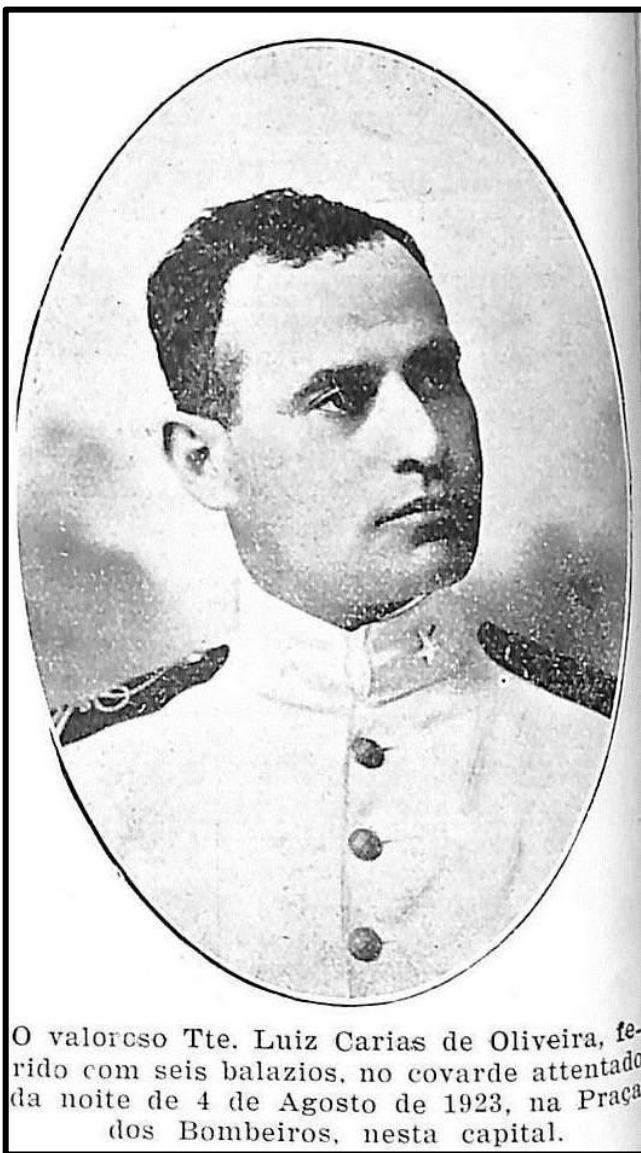
ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



O heroe Conca, com 42 balazicos nas costas sob os cuidados da nossa Cruz Vermelha



Grupo de medicos, enfermos e enfermeiros da Cruz Vermelha de Pelotas. Guarda do Exercito ao hospital, o 2.º sentado da D. para a E. o bravo Major Dutos, ferido no cmbate do Passo do Mendonça.

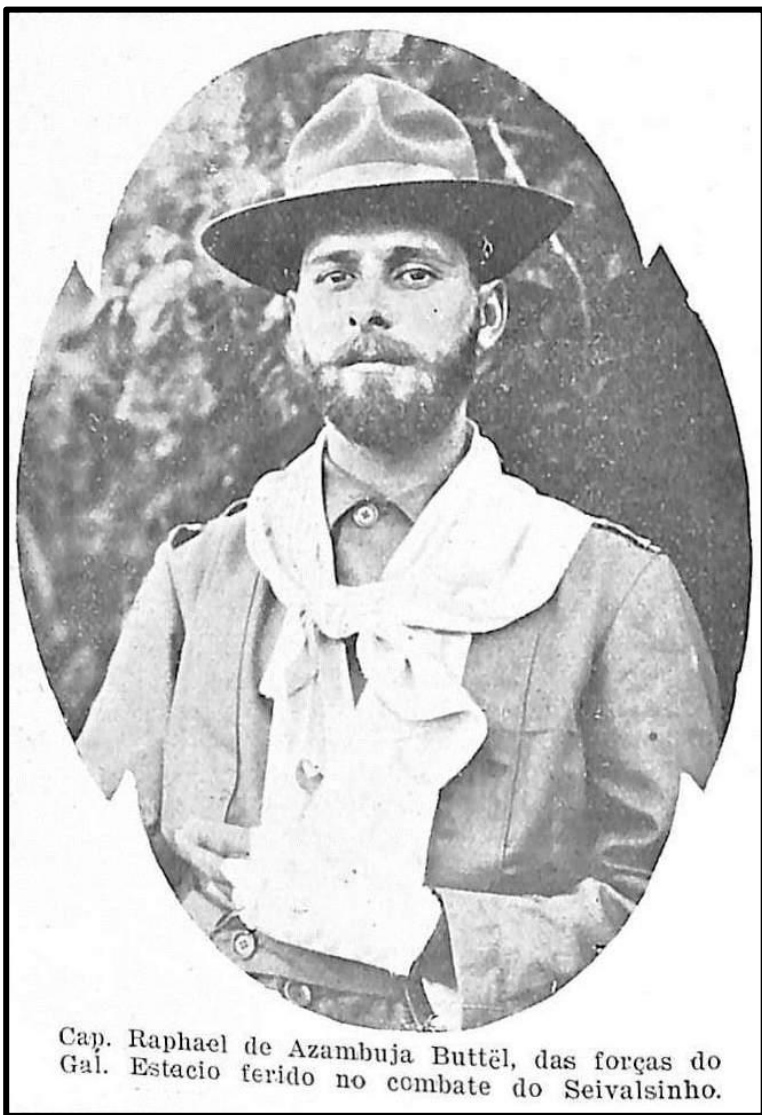


O valeroso Tte. Luiz Carias de Oliveira, ferido com seis balazios, no covarde attentado da noite de 4 de Agosto de 1923, na Praça dos Bombeiros, nesta capital.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



Tte. Carlos Bozano, academico de di-
reito da nossa faculdade ferido no
combate do Passo do Mendonça.



Cap. Raphael de Azambuja Buttél, das forças do
Gal. Estacio ferido no combate do Seivalsinho.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

A culminância dos atentados impostos aos rebeldes se dava com a própria finitude da existência. Era o sacrifício máximo pela causa, com a perda da própria vida. Nesse sentido, além da heroização, os mortos eram transformados em mártires pela causa revolucionária. Conforme a proposta geral do *Álbum dos bandoleiros* vinculada à fixação da ação rebelde no seio da memória social, a presença da morte representou ainda mais a contento tal objetivo. Nessa linha, a publicação visava a cumprir um papel essencial associado à publicidade da morte¹¹, de modo que as lembranças dos falecidos compunham uma forma figurada da continuidade de sua presença no mundo¹². Ficava assim estabelecido um verdadeiro culto à memória do morto¹³, conferindo-lhe uma espécie de sobrevida, incrementada no caso de personagens apontados como ilustres¹⁴. Apareceram assim: um comerciante “covardemente assassinado” em “emboscada pela gente da polícia estadual”; o féretro de um apoiador dos rebeldes; um outro comerciante morto em conflito com as forças repressoras governistas; um militar “assassinado por praças da Brigada Militar”; um funcionário, considerado como “herói que resistiu” aos “janízaros” da situação em Porto Alegre; uma menina de treze anos, morta em

¹¹ ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

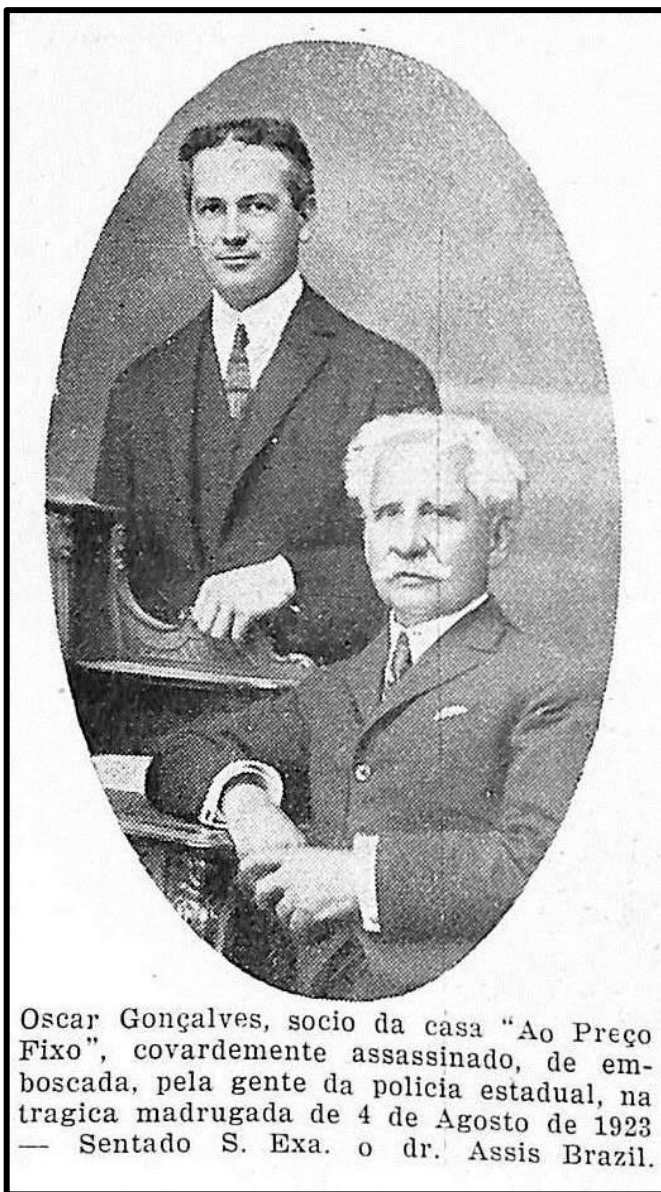
¹² RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 18.

¹³ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 100.

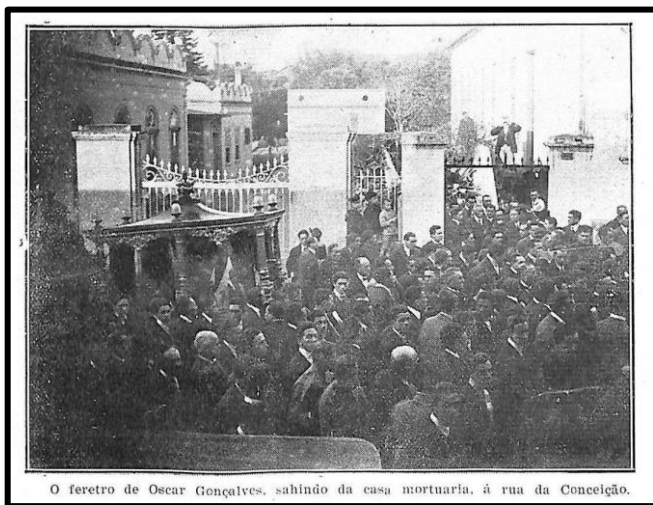
¹⁴ GIACIOIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 19.

tiroteio promovido pelos governistas e a solenidade fúnebre da mesma, com grande afluxo de público; uma prática apontada como comum durante as revoltas sul-rio-grandenses, a degola, foi outra denúncia apresentada como de autoria de um mercenário borgista; dois irmãos “mortos heroicamente”, em combate contra os governistas”; um comandante rebelde, “ferido em combate”, que veio a falecer; dois indivíduos fotografados e alocados em alegoria à sua morte, que “tombaram como bravos”, constituindo “orgulho da nossa raça”; também apareceram outros irmãos, em distrito de Caxias do Sul que, “depois de espancados bárbara e covardemente pela polícia da ditadura, foram assassinados à bala e punhal”; em seu caixão, aparecia uma “infortunada senhora, vítima de um desastre no hospital quando confortava o herói seu marido”; foi mostrado ainda o funeral e o enterro de um “malogrado” militar rebelde; outros registros foram o de um tenente “morto em combate” e o de um coronel, “morto cheio de glória”.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923

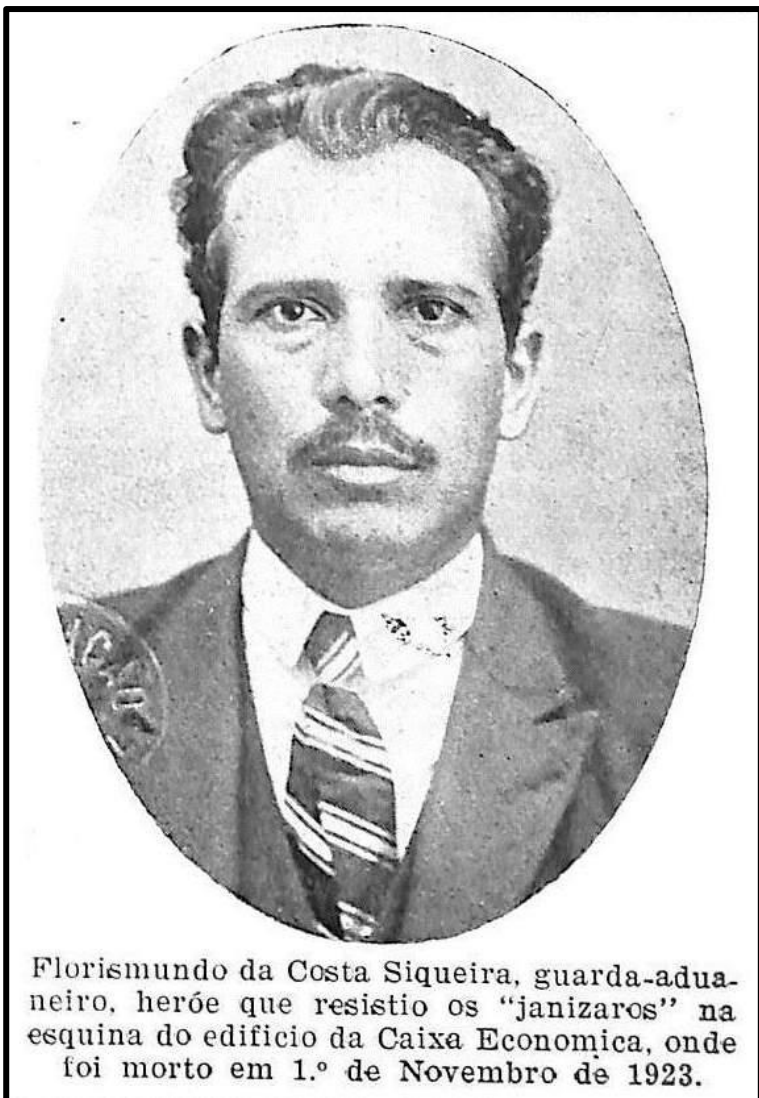


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923

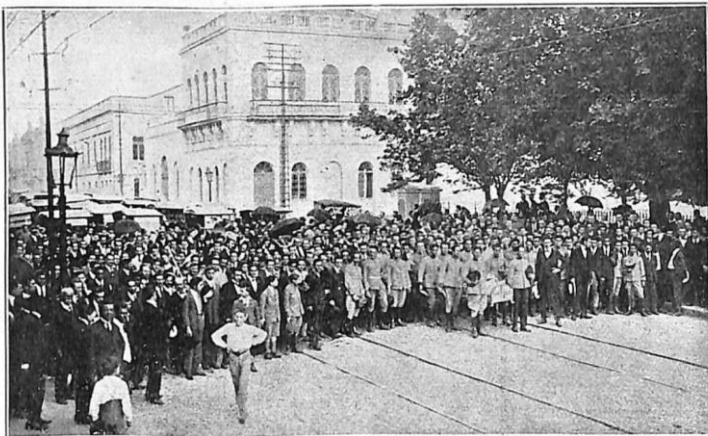




Florismundo da Costa Siqueira, guarda-adua-
neiro, heróe que resistio os "janizaros" na
esquina do edificio da Caixa Economica, onde
foi morto em 1.º de Novembro de 1923.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



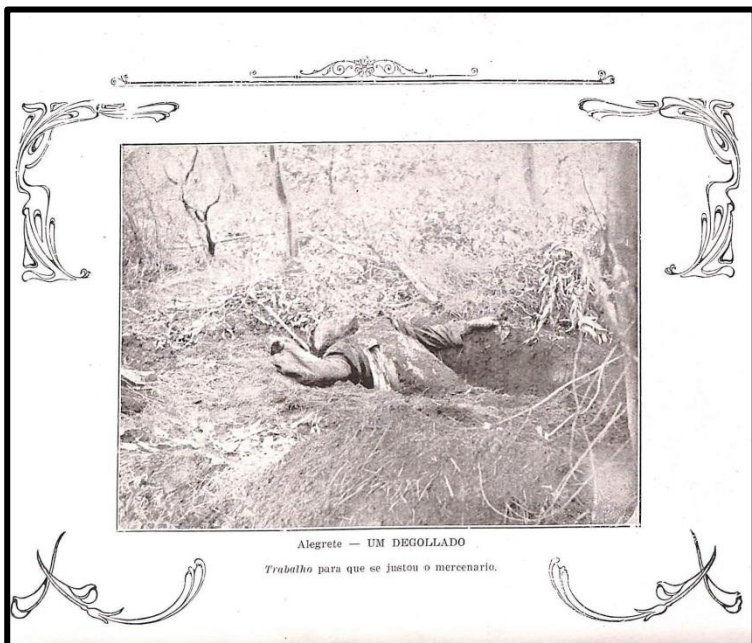


O enterro da inditosa Joyce d'Almeida, vendose o ataúde conduzido por alumnos do Collegio Militar.



Ao baixar ao tumulto o corpo da infeliz Joyce, o advogado Carlos Horacio Araujo, director da revista "Kodak", profilga o attentado, em vibrante discurso.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



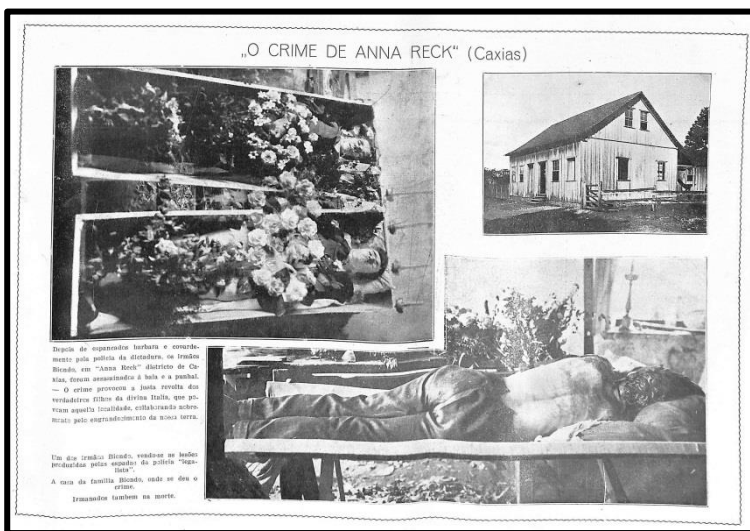
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

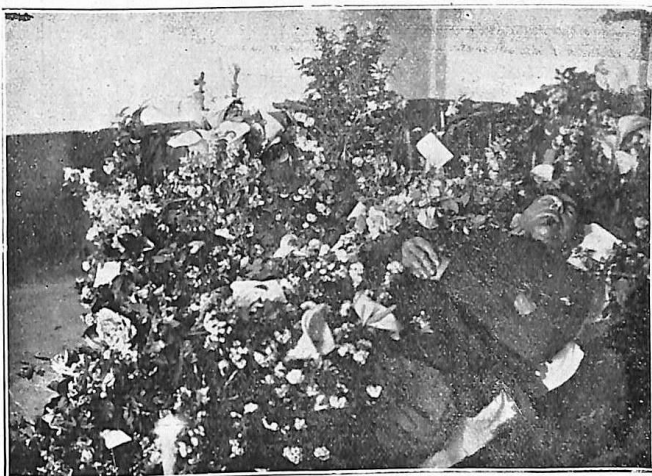


A sinalado com uma X — O Cap. Mario Dias, das forças do Gal. Zeca Netto, vindo a falecer em consequência dos mesmos na Encruzilhada.



ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923





Cap. Mario Dias, no esquife velando-se.



O enterramento do mallogrado Cap. Dias.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



Tte. Jorge Elejalde, sahindo de Pedras Brancas, afim de
incorporar-se as forças do Gal. Zeca Netto.
Morto em combate.



Imprensa, política e confronto

A tradição histórica sul-rio-grandense de confrontos político-partidários e ideológicos que ocasionaram enfrentamentos bélicos manifestou-se ao longo dos movimentos rebeldes sulinos, nos quais a imprensa exerceu papel relevante. Assim o foi durante a Revolução Farroupilha, com o conflito entre legalistas e revolucionários e a Revolução Federalista, na disputa entre federalistas e dissidentes contra os castilhistas. Com o movimento de 1923 não seria diferente, mobilizando-se vários periódicos em prol da causa libertadora em oposição ao borgismo. Nesse sentido, pegar em armas significava também estabelecer um discurso jornalístico que se confrontava com o do adversário político.

A revolta de 1923 foi assim acompanhada pelas manifestações de cunho político, que ganhavam cada vez mais terreno junto aos jornais, as quais sustentavam uma série de conflitos discursivos em verdadeira batalha através das palavras. Ficava então estabelecido um discurso político como um ato de comunicação que concerne mais diretamente aos atores que participavam da cena política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões no intento de obter adesões, rejeições ou consensos¹⁵. Nesse quadro, as manifestações jornalísticas de cunho político estão intimamente vinculadas à luta pelo poder, uma vez que a política vinha a constituir um dos lugares no qual o discurso exerce de modo privilegiado alguns de seus mais temíveis poderes. Tal

¹⁵ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 40.

perspectiva prende-se à questão de que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas, mas aquilo por que e pelo que se luta, ou seja, o poder do qual os diferentes grupos pretendem se apoderar¹⁶.

Nessa linha, o escopo do discurso político manifesto por meio da imprensa é vencer a luta através do jogo da desconstrução e reconstrução de significados, promovido por meio da edificação articulada de uma visão de mundo, de modo a refletir ideias e atitudes através das palavras. Tal discurso está intimamente relacionado com o caráter de luta que a construção do mesmo envolve, em um quadro pelo qual essa luta constitui o jogo do significado e da construção do antagonismo, ou seja, cada discurso busca estabelecer a sua visão de mundo, em oposição à visão de mundo do inimigo, estabelecendo-se o antagonismo pelo esvaziamento do significado do discurso do outro¹⁷.

No contexto do conflito bélico de 1923, os jornais político-partidários tinham significativa participação no trabalho de organização das forças políticas, chegando a constituir uma espécie de clube, servindo na qualidade de centros de reuniões partidárias, nas quais se elaborava a doutrina. Tais periódicos formavam lideranças e criavam o consenso partidário, permitindo por meio deles que os partidos viessem a intervir homogeneamente na esfera pública. Também sustentavam as campanhas eleitorais e criavam um

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 9-10.

¹⁷ PINTO, Céli Regina. A sociedade e seus discursos. In: PINTO, Céli Regina. *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 51-52 e 55.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

espaço comum de discussão dos problemas da sociedade civil. Dessa forma, os conflitos pela supremacia na cena política reproduziam em particular as lutas das facções em disputa pela hegemonia, promovendo não só polêmicas pela imprensa, como também estabelecendo conflitos de imprensa¹⁸.

Levando em conta esse papel do periodismo, como articulador dos ideais políticos, o *Álbum dos bandoleiros* abriu significativo espaço para divulgar, a sua maneira, a ação jornalística a favor da causa rebelde. Nesse sentido, a publicação organizou uma montagem fotográfica composta pelos frontispícios de vários dos jornais que se bateram pelo ideário libertador, servindo de legenda a expressão “a imprensa independente”, no sentido de destacar não só os periódicos diretamente vinculados aos rebeldes, mas também aqueles que não se alinharam ao borgismo. Daí em diante, os homenageados foram enaltecidos por meio de seus retratos fotográficos, aparecendo jornalistas veteranos e noviços; escritores públicos cuja ação se circunscreveu apenas ao Rio Grande do Sul, enquanto outros militaram fora do Estado e inclusive na capital federal; e alguns que voltaram suas carreiras estritamente para as lides jornalísticas, ao passo que outros se dedicaram também a outras atividades intelectuais, como a literatura, ou ainda a profissões liberais. O tom elogioso era o predominante, com a expressão de termos como “valente” periódico, “inteligente polemista”, “brilhante redator”, “valente jornalista”, “jornalista e conceituado advogado”, “valente diretor” e “valente vespertino”.

¹⁸ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 45-46.

Foram enfatizados também o papel de membros da diretoria da Revista *Kodak*, a promotora da edição, e do fotógrafo que atuou na elaboração da coleção. Ainda foi ressaltada a recepção do *Álbum*, com a reprodução de correspondência encaminhada pelo Arcebispo Metropolitano, D. Joao Becker, que tivera importante papel na busca pela pacificação no Rio Grande do Sul, o qual agradecia o exemplar recebido, que era considerado como, “sem dúvida, um documento de alto valor histórico”, vindo ao encontro do objetivo da obra de promover a presença da causa rebelde e de seus protagonistas em meio à memória social sul-riograndense.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

ULTIMA-HORA

APARELHO COM TINTA E EM PAPEL FORNECIDO PELA COMPANHIA COMERCIAL DE PAPEL

ANNO 12

Para a loja, Estado do Rio Grande do Sul - Salto de São João, 12 de Setembro de 1923

O Dr. ASSIS BRASIL á sua terra e ao povo que o elegeu

SEU GUIA E SEU CHEFE

PROCLAMAÇÃO aos libertadores do Rio Grande do Sul

O REBATE

ORGAN INDEPENDENTE - Diretor FREDERICO THIBRELL

ANNO 2 - Estado do Rio Grande do Sul - Palotas, 29 de Outubro de 1923

29 de Outubro -- O dia de maior gloria para Palotas

CORREIO DO SUL

Reg. - Estado do Rio Grande do Sul - ANNO 3 - 1923 - QUARTO ANO - NÚMERO 1214 - Para Fora, 12 de Setembro de 1923

A OPINIÃO PUBLICA

Director - Dr. Alvaro Costa | Palotas, Quarta-feira, 12 de Dezembro de 1923 | Gremio - Theodoro Gomes

A FOLHA

JORNAL INDEPENDENTE

DOMINGO 12 de Setembro de 1923

NOTA: A FOLHA é o único jornal do Estado do Rio Grande do Sul que publica notícias de todos os pontos do Estado.

CORREIO DA SERRA

DIÁRIO MATUTINO

ANNO VII - Brazil - Rio Grande do Sul - Santa Maria, quinta-feira, 20 de dezembro de 1923 - a. 1691

A PACIFICAÇÃO DO ESTADO

ODemocrata

ORGAN CONSGRADO AOS INTERESSES CEEPS DO ESTADO

DIRETOR: *Albino Lemos*

RESEMO NO ALTAR DA PATRIA. O DE PROFUNDIS DA DICTADURA RIO-GRANDENSE

Nova fase da luta pela paz. O chefe da Nação e a Dever supremo

A imprensa independente



Hugo Barreto
Redactor-chefe da valente "Ultima-Hora" de
Porto Alegre.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923





Mario Sá — brilhante redactor da "Ultima-Hora".

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923

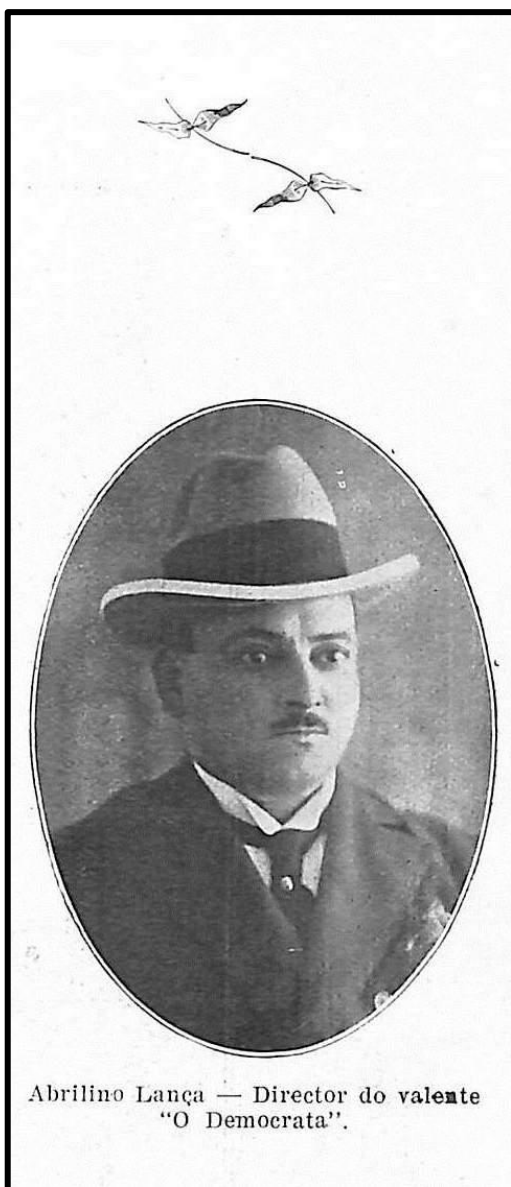




ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923

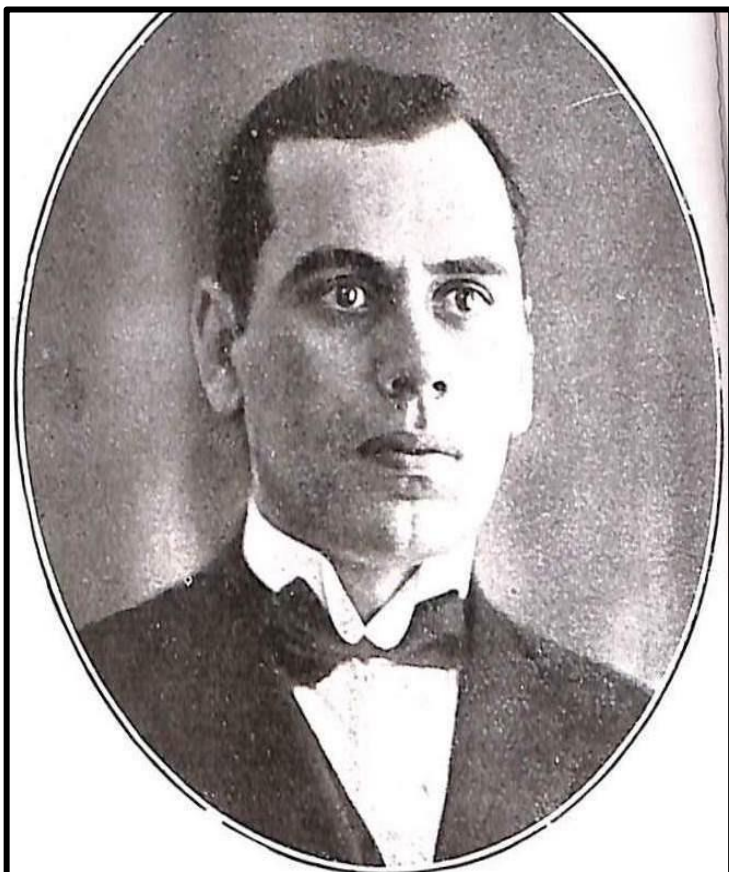


Cel. Arnaldo Mello, valente director do "Correio da Serra"
de Santa Maria, e um amigo, saboreando um "creoulo"
em horas de descanso.



Abrilino Lança — Director do valente
"O Democrata".

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



Francisco Niderauer Timm, socio do valente
vespertino "Ultima Hora" e que defendeu as
officinas d'aquelle jornal por occasião do assalto

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Fernando Barreto, director da revista
Kodak.

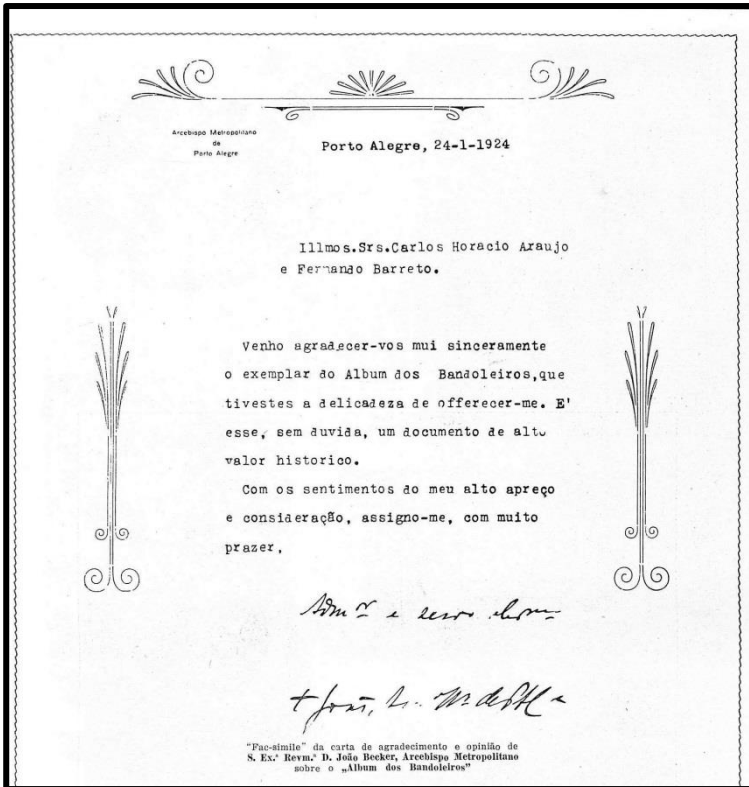


Affonso G. de Oliveira, collaborador photogra-
phico d'este album.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



#####

Assim, o *Album dos bandoleiros* constituiu uma construção editorial de natureza política, partidária e ideológica, no sentido de criar mobilização junto à sociedade. De acordo com tal perspectiva, ele visava a proporcionar uma edificação de imaginários de filiação

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

comunitária, dedicando-se a estabelecer imagens de atores e usar estratégias de persuasão e de sedução, empregando diversos procedimentos retóricos¹⁹, tendo na fotografia um meio fundamental para atingir seus intentos. Especificamente quanto aos temas abordados neste estudo, o *Álbum* dedicou especial atenção para demonstrar os locais por onde se estendeu a guerra, com ênfase às suas vitórias e à busca por apresentar as diversas comunidades ao longo do Estado, em plena comunhão com a causa revolucionária. Também se voltou a identificar a relevância da ação dos profissionais de saúde, para a manutenção dos corpos dos combatentes, com particular atenção para médicos e enfermeiras, estas últimas que estariam também a representar a presença feminina na defesa da causa libertadora. Os feridos e mortos em combate ou a partir da repressão governamental ganharam um lugar especial, sob o foco de demonstrar que não teria havido limites para os sacrifícios movidos em prol da manutenção da flama revolucionária. Igualmente combatentes, só que pelas palavras, os periódicos e jornalistas que difundiram o ideário rebelde, foram igualmente exaltados pela edição ilustrada. Dessa maneira, o *Álbum dos bandoleiros* intentava cumprir sua meta fundamental de divulgar as atitudes e o pensamento dos revolucionários para a população em geral, mas também influenciar diretamente em meio à memória coletiva gaúcha, deixando aqueles registros fotográficos como um testemunho para as gerações vindouras e como um suposto exemplo do que seria o

¹⁹ CHARAUDEAU, 2006, p. 40.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

confronto entre um espírito libertário, em oposição a um outro, de natureza tirânica.

A pacificação do Rio Grande do Sul em 1923 nas páginas da revista carioca *Nação Brasileira*

Em termos jornalísticos, as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela profusão de um gênero que ganhou popularidade em meio ao público leitor. Tratava-se das revistas ilustradas que, associando texto e imagem, ganhavam terreno em meio à imprensa de então. O núcleo editorial mais importante desse tipo de publicação foi o Rio de Janeiro, sede administrativa e epicentro cultural do país²⁰. Tais magazines cariocas

²⁰ A respeito de tal gênero jornalístico, ver: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In:

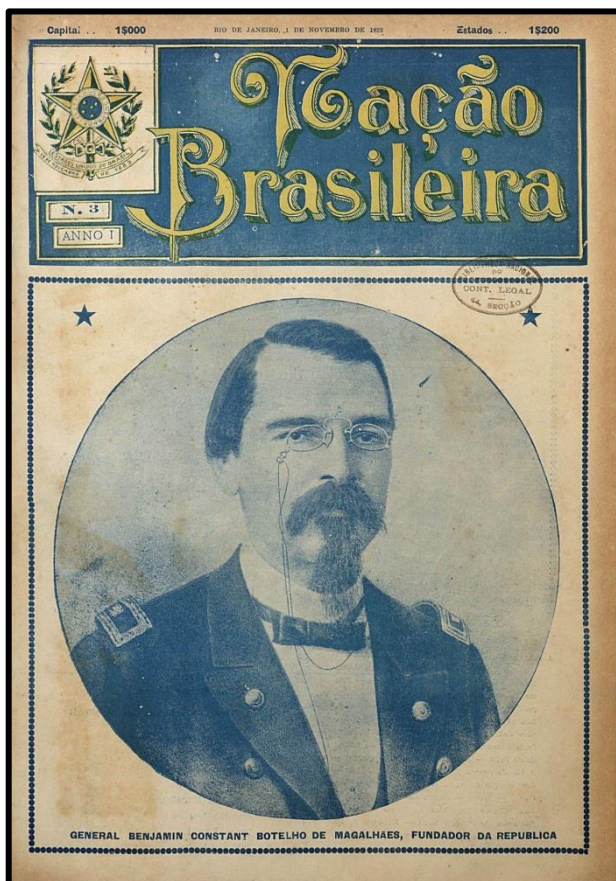
voltavam suas atenções notadamente para os acontecimentos do centro do país, com ênfase para as ocorrências da própria capital federal, entretanto, não se descuravam de fatos ocorridos em outras partes do Brasil, principalmente os de maior impacto. Nesse quadro, a Revolução Sul-Rio-Grandense de 1923 teve seu espaço de divulgação nas páginas ilustradas de tais revistas.

Uma dessas publicações teve por título *Nação Brasileira* e foi criada em setembro de 1923, vindo a circular, com diversas interrupções até o ano de 1947. Ao apresentar-se ao público, a revista declarava que “o nome que resplandece” na sua “capa diz em síntese, mas numa eloquência alta, luminosa e incisiva, tudo quanto ela aspira realizar”. Pretendia que em “suas páginas se reflitam todas as formas de atividade espiritual do Brasil: literatura, ciências, arte, política, história”. Afirmava ainda que voltaria sua “atenção de modo a poder dar uma ideia” do “conjunto da vida social brasileira”, tendo no “patriotismo uma das forças que a movem, e, ao mesmo tempo, um dos luminosos ideais que a orientam”. Sua ideia era a de constituir uma “revista genuinamente brasileira por seus sentimentos, caráter e intuítos”. Conforme identificaria sua própria denominação, considerava que se tratava de um periódico de orientação fortemente nacionalista, além de buscar demonstrar já na capa de sua edição original, que

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

pretendia ter uma abrangência temática bastante ampla, propondo-se a ser uma edição mensal que trataria de ciências, letras, artes, política, atualidades, agricultura, indústrias, comércios, finanças e economia social²¹.



²¹ NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º set. 1923.

Pela época em que foi criada e pela sua periodicidade mensal, a *Nação Brasileira*, ao tratar da Revolução de 1923, abordou os momentos finais do movimento e o caminho definitivo para a pacificação do Estado sulino. Nessa linha, nas duas primeiras edições da revista, de setembro e outubro, não houve referências à revolta gaúcha. A primeira matéria sobre os acontecimentos no Rio Grande do Sul voltava-se ao embarque do Ministro da Guerra para o Estado extremo-meridional, com o intento de tratar dos encaminhamentos da paz. O magazine informava que, naquele número trazia “algumas fotografias da partida do general Setembrino de Carvalho para o Rio Grande do Sul”, o qual estaria a levar, “da parte do Presidente da República, a alta missão patriótica de pacificar aquele canto precioso do país, há muito conflagrado por uma revolução”²².

A *Nação Brasileira* realizava breve referência aos fatores que teriam levado à revolta sulina e apontava a necessidade premente da pacificação. Segundo a publicação, “o povo gaúcho, revoltando-se, de armas na mão, num gesto altivo e impetuoso, contra um governo que não possuía a simpatia de todos”, estaria precisando, “finalmente, voltar à sua paz antiga, à tranquilidade do seu labor e à normalidade de sua vida próspera”. Dessa maneira, considerava que “a intervenção do Ministro da Guerra” seria “geralmente olhada com esperança por todos aqueles que se interessam pela terra gloriosa do Rio Grande do Sul”²³.

²² NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º nov. 1923.

²³ NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º nov. 1923.

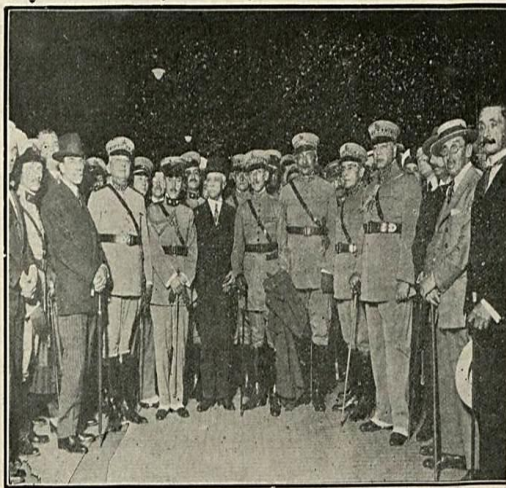
ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

A revista apontava para as potencialidades econômicas rio-grandenses-do-sul, citando que “este grande Estado atualmente exporta, por ano, 215 mil contos, importando pouco mais ou menos 122 mil contos”. Informava ainda que “a pecuária, que é a sua maior riqueza, rendia em 1920 mais de 130 mil contos”, de maneira que “a terra de Assis Brasil, juntamente com São Paulo e Minas, é a que dá ao país as maiores receitas orçamentárias”. Nesse sentido, a publicação considerava que seria “justo que volte à normalidade a sua vida interna e a prosperidade interrompida pela revolução contra o governo”, destacando que ficaria na expectativa do “resultado da missão do Ministro da Guerra, embaixador da paz, da ordem e da influência pessoal do Presidente da República”. As fotografias citadas traziam o registro do embarque do Ministro da Guerra com destino ao Rio Grande do Sul, a presença de tal autoridade pública no trem, minutos antes de partir e a posse do substituto de Setembrino de Carvalho, durante sua ausência²⁴.

²⁴ NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º nov. 1923.

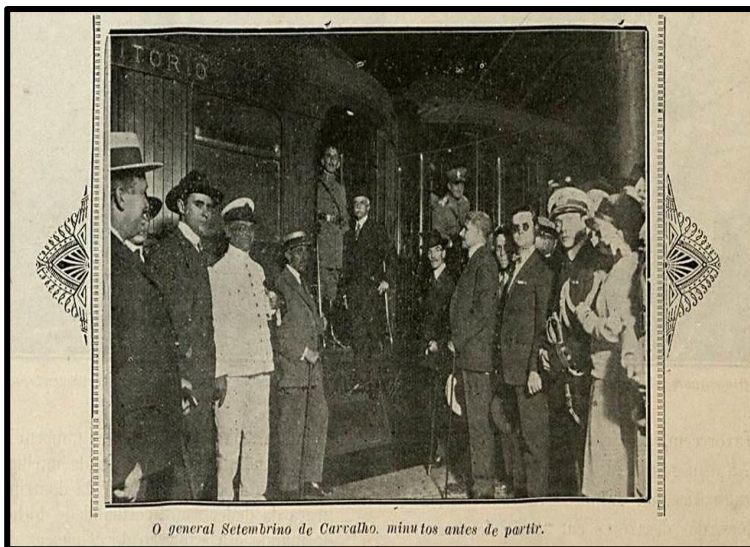
NAÇÃO BRASILEIRA

A IDA DO GENERAL SETEMBRINO
AO RIO GRANDE DO SUL



O embarque do Sr. Ministro da Guerra, na "gare" da Central, com destino ao Rio Grande do Sul.

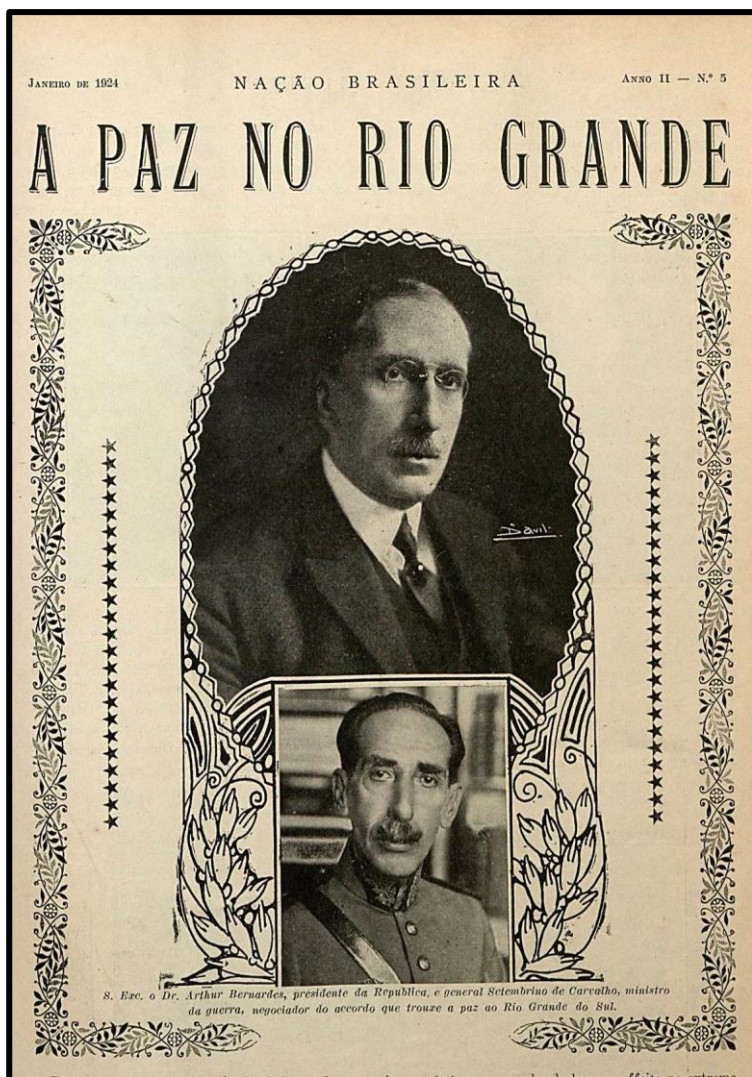
ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



De acordo com sua circulação mensal e o tempo hábil para a confecção de cada edição, a efetivação da paz no Rio Grande do Sul, assinada em meados de dezembro de 1923, não chegou a ser noticiada no número referente a este mês da revista carioca. Desse modo, a pacificação sulina só viria a tornar-se pauta da *Nação Brasileira* em sua primeira edição de 1924. Para tanto, o magazine organizou uma página especial sobre “A paz no Rio Grande”, a qual contava em primeiro plano com a fotografia do Presidente da República, Artur Bernardes, secundada pela do Ministro da Guerra, Setembrino de Carvalho, o emissário que negociou a pacificação²⁵.

²⁵ NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º jan. 1924.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923

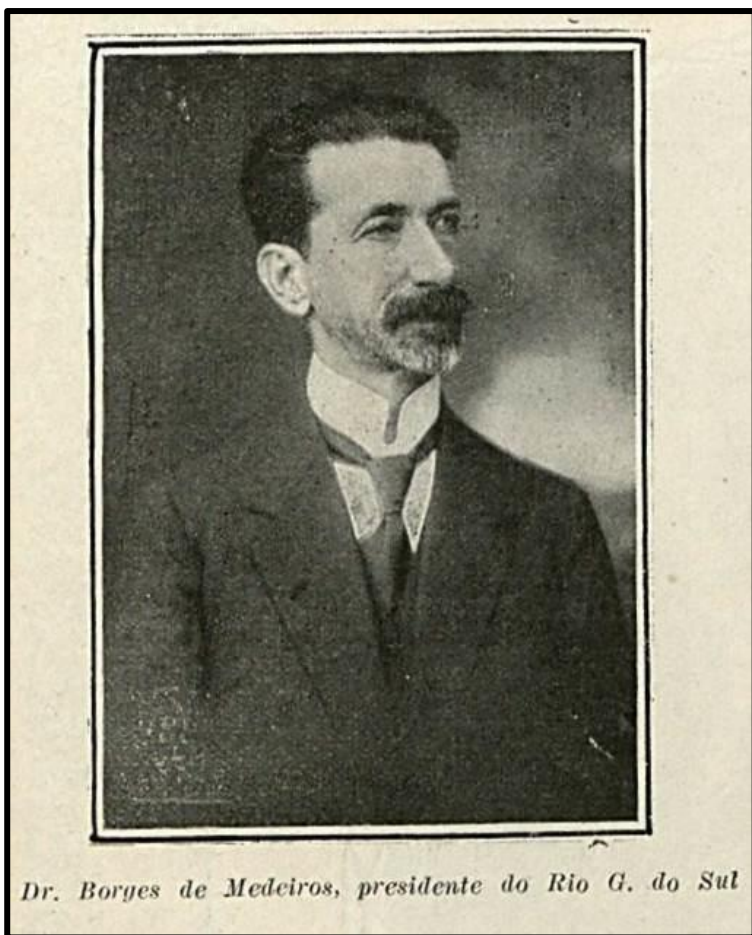


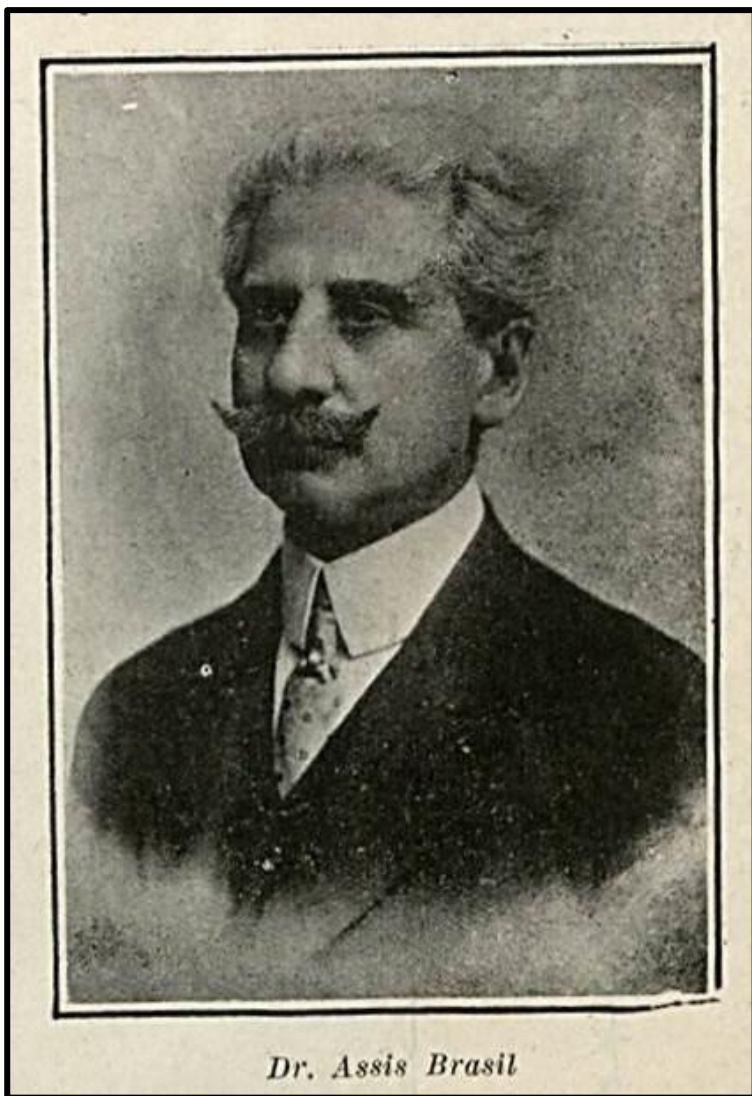
O enfoque central da publicação se dava em relação ao retorno do Ministro da Guerra e sua recepção

na capital federal, informando que, “de regresso do Rio Grande do Sul, pode o general Setembrino de Carvalho sentir, no entusiasmo febril das massas populares”, as quais “o aclamaram ao desembarque e, nas palavras dos homens representativos, a imensa gratidão dos seus compatriotas pela obra de alevantado patriotismo” que fora elevada “a efeito no extremo-sul do país”. De acordo com a revista, “foi uma solução incruenta” aquela obtida “para o sangrento e interminável conflito rio-grandense”. Dizia o periódico que, “quando o ilustre militar partiu” do Rio de Janeiro, “a luta ia num crescendo doloroso”, entretanto, “graças ao seu tato, na realidade espantoso, aos firmes propósitos conciliatórios e, sobretudo, ao seu ardente patriotismo”, a nação conseguira ver “as facções em luta deporem as armas e assinarem um pacto honroso para ambas as partes”. Na segunda página que tratava do tema, apareciam os retratos do governante sul-rio-grandense e líder máximo das hostes governistas, Borges de Medeiros, e do chefe dos revolucionários, Assis Brasil. Também foi publicada uma fotografia do Castelo de Pedras Altas, onde fora assinado “o documento que pôs termo à luta fratricida no Rio Grande do Sul”. Já em outra página, mais um registro fotográfico apresentava o encontro de Setembrino de Carvalho, Assis Brasil e diversas lideranças revolucionárias²⁶.

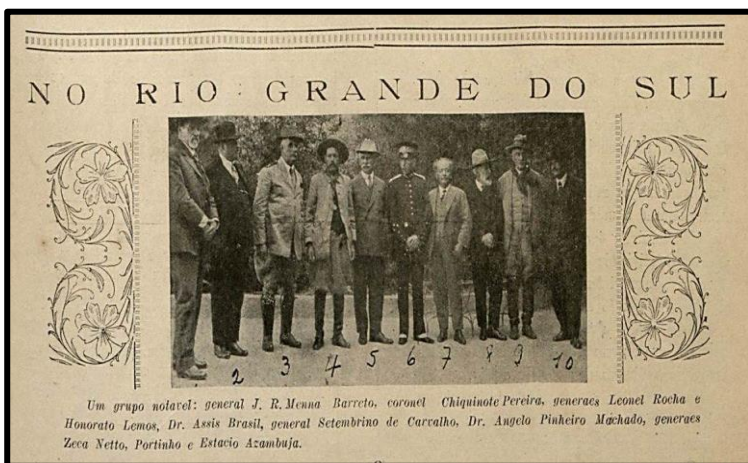
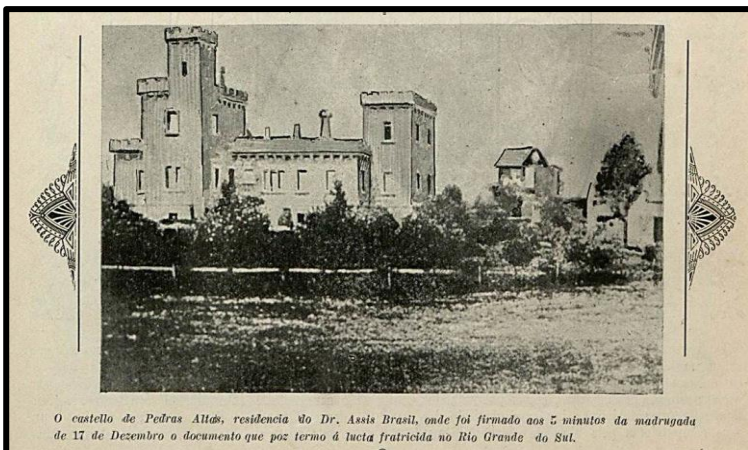
²⁶ NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º jan. 1924.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE
GAÚCHO DE 1923





ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923



A revista carioca intentava amenizar a atitude do governo federal, buscando não qualificá-la como um ato de intervencionismo. Nesse sentido, argumentava que, “dentro do regime constitucional, sem apelo ao recurso extremo de uma intervenção federal, logrou-se resolver um dos mais lamentáveis conflitos internos” registrado

na “nossa história, sem desprestigiar ou anular os poderes legalmente constituídos naquela unidade federativa, com esbulhos aviltantes e condenáveis”, bem como “satisfazendo, paralelamente, as aspirações democráticas do elemento revoltoso”. Conjeturava que, “pode agora o Rio Grande, após tantas horas amargas, voltar aos seus labores pacíficos, cômico de que as causas possíveis de lutas semelhantes” seriam “totalmente eliminadas, com a reforma da Constituição Estadual”. Afiançava também que, de acordo com o acordado, teria sido possível “restaurar-se dos incalculáveis desastres materiais que a longa guerra fratricida”, acarretara ao Estado sulino, “armando com fuzis as mãos que antes empunhavam instrumentos de labor fecundo”, assim como “anulando, embora transitoriamente, a afirmação da sua potencialidade econômica”²⁷.

Assim, ao tratar da pacificação da Revolução de 1923, a *Nação Brasileira* cumpriu firmemente sua proposta editorial, voltada a um pensamento nacionalista, sendo o patriotismo, uma das forças motoras que levaram à sua edição. Sem ter acompanhado o desenrolar do movimento rebelde, levando em conta a data de sua fundação, a revista dedicou-se a abordar o processo de pacificação, centrando sua atenção nas ações do Presidente da República e de seu emissário, o Ministro da Guerra, os quais foram alvos de vários elogios. A publicação carioca trabalhava com a ideia de que a paz no sul teria sido feita sem vitoriosos ou derrotados, deixando de lado a perspectiva de que os rebeldes não teriam conseguido

²⁷ NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1º jan. 1924.

ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O MOVIMENTO REBELDE GAÚCHO DE 1923

evitar um novo mandato de Borges de Medeiros, assim como os governistas tiveram de observar a derrocada do sistema político-eleitoral e constitucional que lhes permitira perpetuar-se no poder. Uma das grandes preocupações do magazine era a retomada da normalidade no Rio Grande do Sul, de modo que fosse promovida a sua recuperação, mormente no que tange às suas potencialidades econômicas. Em síntese, a *Nação Brasileira* via a retomada da paz no contexto sul-riograndense como um passo essencial para a efetivação, ao menos em parte, da estabilidade nacional, que traria consigo a busca pela manutenção do *status quo*. Entretanto, em desacordo com a sua opinião, tratava-se de mais um capítulo de uma crise que, agravada ano a ano, levaria ao derruir do modelo político vigente.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



ISBN: 978-65-5306-020-3